

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

MARIANA ANDRADE DOS SANTOS

**RECRIANDO MODOS DE VIVER: BIOGRAFEMA DE UMA VÍTIMA DE
ACIDENTE MOTOCICLÍSTICO**

VITÓRIA (ES)

2014

MARIANA ANDRADE DOS SANTOS

**RECRIANDO MODOS DE VIVER: BIOGRAFEMA DE UMA VÍTIMA
DE ACIDENTE MOTOCICLÍSTICO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Espírito Santo, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, para obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva, na área de concentração de Política e Gestão em Saúde.

Orientador: Prof^o. Dr^o. Túlio Alberto Martins de Figueiredo

VITÓRIA
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Santos, Mariana Andrade dos, 1988-

S237r Recriando modos de viver: Biografema de uma vítima de acidente
motociclístico /Mariana Andrade dos Santos. – 2014.

109 f. : il.

Orientador:Túlio Alberto Martins de Figueiredo.

Dissertação (Mestrado em Ciências Fisiológicas) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências da Saúde.

1. Acidentes – Motocicletas. 2. Estilo de Vida. I. Figueiredo, Túlio
Alberto Martins de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro
de Ciências da Saúde. III. Título.

CDU: 614

Mariana Andrade dos Santos

“Recriando modos de viver: biografema de uma vítima de acidente motociclístico”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva na área de concentração em Política e Gestão em Saúde.

Aprovada em 26 de março de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA



Profº. Drº. Tulio Alberto Martins de Figueiredo
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador



Profª. Drª. Leila Aparecida Domingues Machado
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Externo



Profª. Drª. Francis Sodré
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro interno

“O que te escrevo não tem começo: é uma continuação. Das palavras deste canto, canto que é meu e teu, evola-se um halo, você sente?” (Lispector).

AGRADECIMENTOS

O mundo tem me presenteado com dádivas. Agradeço a Deus!

Tenho gratidão por tudo, pelos dias, noites, alimentos, borboletas, besouros. Todas as formas de vida que há. É que me trazem felicidade.

Gratidão à família, minha mãe Ana Maria, pai Durval e irmãos Luciano e Fabiano. Laços de amor me fazem. E a família imensa vinda do Ceará e os do Espírito Santo, temos amores cultivados à distância também. Me fazem florescer.

Gratidão a Billy, por compartilhar suas histórias, por abrir as portas de sua casa e me receber. Com prontidão e vigor, me mostra sobre a potência da vida em se inventar sempre. Aprendo sobre novas configurações.

Gratidão ao muito querido orientador Túlio. Pelo carinho, paciência, sabedoria e delicadeza que traz tranquilidade e paz em estar neste lugar. Me ensina sobre a simplicidade de coração.

Gratidão à banca examinadora, que muito me ensina e dá potência à essa maneira de pesquisar. Fico entusiasmada ao encontrar parceiros.

Gratidão aos amigos do grupo rizoma, pela atmosfera de aconchego que fazem girar no departamento de enfermagem, pela entusiasmo e prazer em estar juntos. Gratidão ao amigo muito chegado, Thiago Sousa. Há muito amor nessa amizade. É cheio de cores e alegria, me ensina só de ser. Obrigada, Juliana por todo apoio. Agradeço à amiga Ariadne que com sua vida me ensina todo o dia o que é menor, que descobre na dor um jeito de levar a vida com garra e doçura. Te admiro e te amo.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva por ser espaço de trocas e possibilitar ter cursado o mestrado e entrar nesse mundo de tantas coisas.

Agradeço à Capes pelo apoio financeiro, que possibilitou me dispor inteira para o mestrado.

Às vezes me pego com uma alegria sem motivo, alegria de mundo, me encanto com bobagens. Gratidão!

BIOGRAFIA

Mariana Andrade dos Santos, filha de Ana Maria de Andrade dos Santos e Antonio Durval Bandeira dos Santos, nasceu em 15 de setembro de 1988, em São João do Meriti, Rio de Janeiro, residindo em Cariacica, Espírito Santo, desde os 8 anos.

Em 2010, graduou-se em Enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo no Centro Universitário Norte do Espírito Santo, em São Mateus.

Concluiu a pós-graduação Lato-sensu em Saúde Coletiva, com ênfase na Estratégia Saúde da Família em 2011 pela Universidade Vale do Cricaré, em São Mateus, Espírito Santo.

Em 2011, integrou-se ao quadro de profissionais de um Hospital em Vila Velha, atuando no Centro Cirúrgico e Central de Materiais Esterilizados.

Em 2012, iniciou o mestrado em Saúde Coletiva no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo. E defende sua dissertação em março de 2014.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa vivenciando uma abordagem biografemática, tendo como objetivo produzir o biografema de um acidentado por motocicleta; esse acontecimento causou transtornos que modificaram sua vida. Como contar uma vida se colocando sensível ao que passa por nossas vidas? O cenário do estudo foi o município de Cariacica - ES. O sujeito do estudo foi um passageiro de motocicleta residente de Cariacica, cujo acidente se deu no interior do Estado. Os instrumentos utilizados na produção do material do estudo foram a entrevista, a observação participante, o diário de campo e produções estéticas. O trabalho de campo se deu do período de setembro a dezembro de 2013, e constou de 3 encontros, que geraram 3 entrevistas, sete encontros online e registros de observações e afecções no diário de campo. Os encontros se deram tendo o acontecimento, um conceito de Deleuze e Guattari, como ponto de partida. Cada encontro da pesquisadora com o sujeito foi registrado em um diário de campo. As entrevistas foram gravadas e produções estéticas e gráficas foram reprografadas. Após transcrição das entrevistas, foi feita a leitura sensível das mesmas, concomitante à escuta da gravação, buscando na produção do biografema dar vazão ao que se quer contar sobre essas vidas, tendo nesta prática um corpo sensível participante da pesquisa, que ecoa essas vidas nos encontros com a cidade. A produção biografemática da parte empírica do estudo foi feita com inspirações da esquizoanálise.

Palavras chave: acidentes motociclístico. Modos de viver. Biografema.

ABSTRACT

This is a research which experience a biographematic approach, aiming produce a biographeme of a person who suffered a motorcycle accident, this event caused disorders which highly affected his life. How should we tell the story of a life being also sensitive to what happens in our life? The study setting was in the city of Cariacica – ES. The study subject was a Cariacica resident motorcycle passenger whose accident occurred in a trip within the state. The instruments used in the production of material study were interviews, participant observation, field journal and aesthetic productions. The development of the workfield was in the period of September to December 2013, and consisted of 3 meetings that generated 3 interviews, seven online meetings and the record of observations and affections in the field journal. The meetings happened taking the event (événement) – a concept by Deleuze and Guattari – as a departing point. Each encounter between the researcher and the subject was registered in the field journal. The interviews were audio recorded and the aesthetic and graphic productions were reprographed. After transcribing the interviews, a sensitive reading of them was performed concomitant to listening to the recordings, seeking in the production of the biographeme to put forth the story we want to tell about those lives, a practice which constitutes a sensitive body of participant of the research, echoing those lives in encounter with the city. The biographematic production of the empirical part of the study was developed with inspirations taken from schizoanalysis.

Keywords: motorcycle accidents. Ways of living. Biographeme.

RESUMEN

Se refiere a una pesquisa que vivenció un abordaje biográfico, con objetivo de producir el biograma de una víctima de motocicleta; esta circunstancia provocó trastornos que cambiaron su vida. Como contar una vida colocándose sensible a lo que se pasa por nuestras vidas? El escenario de estudio fue la ciudad de "Cariacica, Espírito Santo". El sujeto de estudio fue un pasajero de motocicleta residente en Cariacica, cuyo accidente ocurrió en "interior de el Estado de Espírito Santo". Los instrumentos utilizados para la captación de material de estudio fueron la entrevista, la observación participante, el diario de campo y producciones estéticas. La captación de el material fue entre los meses de septiembre hasta diciembre de 2013, y tuvo 3 encuentros, que generaron 3 entrevistas, 7 encuentros online y registros de observación y afecciones en el diario de campo. Los encuentros tuvieron el acontecimiento, un concepto de Deleuze y Guattari, como punto de partida. Cada encuentro de la investigadora con el sujeto fue registrado en un diario de campo. Las entrevistas fueron grabadas y producciones estéticas y gráficas fueron reprografadas. Después de la transcripción de las entrevistas, fue hecha la lectura sensible de las mismas, relacionadamente a la audición de la grabación, buscando en la producción de el biograma dar realce a lo que se quiere contar de esas vidas, teniendo en estas prácticas un cuerpo sensible participante de la pesquisa, que reverbera sus vidas en los encuentros con la ciudad. La producción biográfica de la parte empírica de estudio fue hecha con inspiraciones de la esquizoanálisis.

Palabras clave: accidente motociclistico. Modo de vivir. Biograma

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Profusão de olhos.....	41
Figura 2. Olhos feito máquina.....	41
Figura 3. Aguentar um bairro.....	54
Figura 4. Malabareando.....	56
Figura 5. Montanha queimada.....	68
Figura 6. Muleta queimada.....	68
Figura 7. Motocicleta, automóvel, trem.....	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
SOBRE O BIOGRAFEMA.....	16
TRILHA BIOGRAFEMÁTICA	25
Tipo de Pesquisa	25
Cenário do Estudo.....	25
Sujeito do estudo	26
Instrumentos e Produção de Material.....	27
Tratamento e Análise do Material.....	29
Aspectos Éticos.....	29
BILLYGRAFEMAS	30
UM ACASO	31
PELA JANELA, PELOS OLHARES	37
COMO SE FOSSE UM JOGO	44
BAÚ DE HISTÓRIA	48
FORMIGAMENTO	55
UM HOMEM DE PEDRA	60
OS QUATRO ELEMENTOS	66
HORA DE FECHAR A JANELA	78
UMA PERNA DE MADEIRA E DE CARNE, UMA DE OSSO E DE CARNE. UMA MÓVEL E OUTRA FINCADA NA TERRA.....	79
QUANDO AS PERNAS NOS DEIXA SEM MÃOS	84
DISPOSITIVOS DE PASSAGEM.....	89
BILLY... UM MUNDO NA CABEÇA.....	90
ENTRE PALAVRAS E AÇAÍ.....	92
O BIOGRAFEMA/BILLYGRAFEMA, A ACADEMIA E O CAMPO DA SAÚDE COLETIVA... 94	
E A VIDA CONTINUA.....	96
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	103
APÊNDICE I	104
APÊNDICE II	105
ANEXO I	108

INTRODUÇÃO

O que se quer contar. O que se quer deixar dito e o que não é dito quando nos encontramos. Como contar essas vidas que nos atravessam?

Histórias de acidentados com motocicletas nos fazem parar e ver onde e em que fazeres estão aquilo que dá contento no viver. Como vítimas de acidentes motociclísticos vem remodelando seu corpo e o jeito de viver. Na possibilidade em criar diante das situações complexas encontra-se um gosto.

Para nos situarmos nesse contexto de acidentes motociclísticos, algumas palavras emprestadas.

No Brasil o crescente aumento do número de veículos, em especial da frota de motocicletas, tem sido um fator que contribui para a manutenção das elevadas taxas de acidentes de trânsito (OLIVEIRA; SOUSA, 2006). As lesões provocadas por esse acidentes têm-se convertido em uma das principais causas de morte e incapacidades em todo o mundo (BASTOS; ANDRADE; SOARES, 2005).

Nos últimos seis anos, a frota de veículos no Brasil aumentou cerca de 30 a 42 milhões, com destaque para as motocicletas, cujo licenciamento cresceu mais de 75%, ocasionado por diversos fatores, dentre estes, seu baixo valor de aquisição em comparação com os automóveis, a facilidade de acesso aos consórcios, as múltiplas linhas de financiamentos e as opções de negócios proporcionados com o emprego de motos (BRASIL, 2006).

O uso de motocicleta como meio de trabalho, além de seu custo acessível, tem crescido por permitir um deslocamento rápido e os fatores desencadeantes desses acidentes são as longas jornadas de trabalho e o estímulo à alta produtividade (OLIVEIRA; SOUSA, 2004).

Esse lugar que o motociclista ocupa, leva-nos a pensar sobre o problema apontado por Bourdieu(*apud* COSTA, 2010) no que diz respeito ao sufocamento da vida em seu devir, pois ao buscar incessantemente uma lógica coerente, uma constância de si mesma, a vida acaba se mostrando aprisionada, sufocada, distante da criação.

Os índices de mortalidade e seus fatores desencadeantes nos põem a pensar no jeito que se vive, para onde estamos correndo, de quem corremos, para que corremos a essa maneira. Coloca-se em questão o corpo sobre as duas rodas que, submetido às normas e padrões de consumo, corre constantemente para acompanhar exigências do mundo contemporâneo, sejam elas, trabalho, deslocamento, ascensão social. Corpo que vive em constante luta para manter-se equilibrado e permanecer numa pista de corrida sem linha de chegada.

Não é diretamente sobre as políticas públicas, nem sobre os gastos do Sistema Único de Saúde (SUS) com os acidentados, tampouco sobre os impostos reduzidos na venda de motocicletas, estimulando sua comercialização. Essa pesquisa passa por isso tudo. Mas o que se quer dizer é sobre as vidas que passam, vidas que vazam dos acidentes. As potências que se encontram ao descobrir um jeito de viver e as dores que se sente ao achar medo perante os olhares endurecidos, que ao falar desses acontecimentos enxergam apenas números, gráficos e tabelas. As vidas aqui são vazadas, não se quer enquadrar em esquemas qualquer, não há ao falar delas nenhum domínio. Histórias contadas, que após lançadas ao vento, deixam apenas rastros.

Uns se atentam a esses rastros, fazem dos mesmos um desenho, outros não os veem, outros os deixam passar, etc. Talvez aqui, encontra-se todos estes. Os que são possíveis ver e os movimentos que fazem - passam e continuam ecoando com abalos ínfimos quase imperceptíveis - e outros que palavras não os contêm.

O estudo em questão visa levar em consideração esses possíveis outros modos de ser de um sujeito acidentado, e para isso utilizou como estratégia o biografema.

Em *A câmara Clara: nota sobre a fotografia*, Barthes (2012) diz que prefere alguns traços na fotografia, os mesmos parecem carregar um inefável, quase que um gosto amoroso. E da mesma forma, gosta de alguns traços biográficos, que encantam tanto quanto na fotografia. Nesses detalhes emergem os biografemas.

Toma-se, aqui, partido da biografia enquanto criação e coloca-se diante de uma política que se mostra contrária a todo uso biográfico que sufoca a vida. Sustenta-se, no biografema, a ideia de um real sempre em vias de ser feito, um real impossível de ser aprisionado (COSTA, 2010).

Diante da situação cotidiana envolvendo os acidentes motociclísticos, e o consequente número elevado de mortalidade, há de considerar que quando os acidentes ocorrem e não levam ao óbito, podem deixar sequelas.

Assim, cabe aqui a seguinte citação:

Os enunciados continuarão a flutuar no vazio, indecisos, enquanto agentes coletivos de enunciação não forem capazes de explorar as coisas na realidade, enquanto não dispusermos de nenhum meio de recuo em relação à ideologia dominante que nos gruda na pele, que fala de si mesma em nós mesmos, que, apesar da gente, nos leva para as piores besteiras, as piores repetições e tende a fazer com que sejamos derrotados nos mesmos caminhos já trilhados (GUATTARI, 1987, p. 17-18).

Frente às palavras inquietantes acima, propõe-se dizer dessas vidas acidentadas/sequeladas, com uso de uma escrita biografemática, por acreditar que ela possa ser um artifício que possibilite um recuo a essa ideologia dominante, uma possibilidade de andar por outros caminhos, um abrir de mundos. Experimentar aberturas foi um aprendizado ao fazer pesquisa a esse modo.

Tornar visível caminhos que, partindo do pressuposto de que a vida - que é inerente, inseparável do corpo que adoeceu e busca, ou não, o cuidado de saúde -, não segue um fluxo ordenado. Faz conexão com o que se permite passar pelos poros. Assim, dado essas passagens, acessam outras conexões, permitidas em encontros que podem ser produtivos e inventivos e dotados de criatividade e subjetividade, de valor vital. Potencializar encontros nos caminhos percorridos e dar voz ao que se passa ou quer dar passagem na vida desses sujeitos, que além de tantos outros acidentes, vivenciaram esse pelo caminho sobre duas rodas.

O uso do biografema como estratégia para dizer dessas vidas foi escolhido por incluir a fruição e exige do leitor uma abertura que o permita lidar com as contingências que fazem encontrar sua leitura com rastros da vida do autor (ANDRADE, 2011).

A vida, assim, é digna de mais do que uma história encerrada. Coloca-se, a necessidade de buscar novas formas para dizer novas vidas que, em seus próprios modos de se fazerem, questionam toda significação já dada, todo rebatimento em esquemas estabelecidos (HARTMANN, GALLI FONSECA, 2010). Assim, com o que

já foi colocado a respeito da vida e do corpo, com essa pesquisa foi aberto canais para possibilidades de diálogos, questionamentos como: o que a experiência em duas rodas tem a nos dizer? Quantas experiências cabem em duas rodas? Como se atualiza os acidentes motociclísticos em uma vida a partir do biografema?

Esta pesquisa, disposta a contar à esse modo sobre essas vidas, teve o seguinte objetivo: produzir biografema de uma vítima de acidente motociclístico.

SOBRE O BIOGRAFEMA

Para iniciarmos uma conversa a respeito do biografema, citamos Guattari (2005, p. 21), que diz ser “eticamente insustentável se abrigar atrás de uma neutralidade transferencial pretensamente fundada sobre um controle do inconsciente e um corpus científico”.

Um embate. Pesquisar como embate, entendendo que é impossível achar nessa prática a neutralidade. Somos corpos, afetamos e somos afetados. Fomos afetados por coisas de olhos miúdos. Deixar contar essas miudezas, descobrindo mundos e maneiras de ver é um embate contra a ideologia dominante que nos quer dar tudo como pronto, que chega com questões prontas.

Fazemos uma costura sem nó, para que se houver o querer em desmanchar e pregar o retalho noutro canto, haverá liberdade para tanto. Fazendo-nos costureiros de palavras, histórias e vidas.

Sob o olhar de Bocca (2003), Barthes com sua atitude nômade, afirma a possibilidade de que, por atos de “invenção” [grifo do autor], significados sejam permanentemente elaborados. Respalado por uma nova filosofia da linguagem, é muito mais um artista do que um cientista.

Portanto, dizemos que é um artista costureiro, que busca se afastar dos sistemas redutores. Sobre os sistemas redutores vale colocar em evidência o olhar *barthesiano*:

eu dava testemunho da única coisa segura que existia em mim: a resistência apaixonada a qualquer sistema redutor. Pois toda vez que, tendo ocorrido um pouco a algum, sentia uma linguagem adquirir consistência, e assim resvalar para a redução, eu abandonava tranquilamente e procurava em outra parte: punha-me a falar de outro modo (BARTHES, 2012, p 17).

Ao fazer pesquisa assim, inventamos ser. Ser de papel, ser escrevente, ser caminhante, ser ziguezagueante.

É do próprio processo de criação que se trata aqui. Aquilo que aproxima as pessoas do fazer artístico.

“[...] Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer [...] em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova. Assim posto, somos, nós, a realidade nova” (OSTROWER, 1987 p.27-28).

Pois, acredita-se não mais ser possível conceber o conhecimento científico como representante da verdade do mundo, mas sim como uma maneira, dentre muitas outras, de criação, de invenção de modos de olhar, significar, recriar mundos (GIACOMEL; RÉGIS; GALLI FONSECA, 2003).

O conhecimento que é um expresso da vida.

Como num fractal, a vida se faz ouvir com sua voz, rumor, silêncio. A vida se faz escrita, se faz lida. Faz estranha. Faz entranha. É desprovida de peso, de forma, de músculo ou cimento – como se pudesse fazer buraco onde não tem - para poder adentrar pelos ambientes e constituir um ser que caminha pela cidade e põe esse novo ser constituído para funcionar com as formas do espaço, com o seu balanço, e com esses novos componentes engendra uma relação que o tempo inteiro se movimenta. E se constitui novamente. Um infinito.

Um infinito

Uma vida → Umas vozes → Várias → Silêncio → Palavras → Palavras soltas → Voz ouvida, silenciosa, escrita → Escritura com gestos, entre vidas → Rodas vivas de tantas cores → Quando roda, se muito veloz → Vejo branco → Se muito veloz, deixa só o cheiro → Nem cheiro, nem → Escuto o ruído → De ondas sonoras

P r o p a g a n d o

P r o p a g a n d

P r o p a g a n

P r o p a g a

P r o p a g

P r o p a

P r o p

P r o

P r

P

O que importa não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas – numa engrenagem -, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, se re-singularizar (GUATTARI, 1992).

Todavia, essa engrenagem não é proposital, numa causalidade direcionada. Pelo contrário, ao perceber o lugar em que se encontra (sem, contudo estar se enquadrando em algum modelo, o perceber que diz respeito mais ao como o ser se coloca para outras relações, como afeta, e é afetado), a forma como o ser habita esse espaço, os encaixes possíveis entre seres, processos, natureza, grupos, instituições permitiria múltiplos acoplamentos e descobertas.

Esse arranjo de engrenagens se insere na vida do indivíduo como uma vida impessoal que produz um puro acontecimento livre dos acidentes da vida interior e exterior. Esta vida indefinida não tem momentos, por mais próximos que sejam uns dos outros, mas somente entre-tempos, entre-momentos (DELEUZE, 2002).

Assim, operam-se transplantes de transferência que não procedem a partir de dimensões “já existentes” [grifo do autor] da subjetividade, cristalizadas em complexos estruturais. Criam-se novas modalidades de subjetivação do mesmo modo que um artista plástico cria novas formas a partir da palheta de que dispõe (GUATTARI, 1992).

Em um contexto, percebe-se que os componentes, os mais heterogêneos podem concorrer para a evolução positiva de um doente: as relações com o espaço arquitetônico, as relações econômicas, a co-gestão entre doente (usuário do SUS) e os responsáveis pelos diferentes vetores de tratamento, a apreensão de todas as ocasiões de abertura para o exterior, a exploração processual das “singularidades” dos acontecimentos, enfim, tudo aquilo que pode contribuir para a criação autêntica com o outro. Em outros termos, não se está mais diante de uma subjetividade dada como um em si, mas naface a processos de autonomização, ou de autopoiese (GUATTARI, 1992).

Buscar um valor para vida nos estereótipos, nas imagens que invadem os seres, os afasta das possibilidades de admirar as diferenças, os afasta dos sentidos

singulares da existência. Refletir sobre o estatuto do corpo acidentado, deformado, incapacitado, leva justamente a pensar nesses outros que habitam as pessoas, remete a pensar a alteridade nesse mundo tão individualista em que se vive. O acidente muda o que é, fazendo-se estranho de si e fazendo que os outros o estranhem. A doença do corpo, nesse sentido, pode servir como um analisador (MARSILLAC, 2004).

Ou seja, encarar a doença como analisador é entendê-la, em sua processualidade, como algo que não encerra a vida, mas ao mesmo tempo em que assinalam as múltiplas relações que compunham uma sequência rotineira dos corpos, podem dar passagem a uma outra forma de existir em si e com os outros.

Assim, não estagna perante o acidente. Aprende-se com ele. Ainda que, por vezes, muitas vezes, o aprendizado venha com a dor e o medo.

Todo sofrer deve chamar um agir, porém um agir que não impeça o sofrer. As patologias do vivente reclamam uma medicina – vamos além, uma atenção à saúde –, mas que respeite as patologias como uma fragilidade, de uma dor, até mesmo de uma certa ‘passividade’, condições para uma afirmação vital (PÁL PELBART, 2003).

Dessa forma, o biografema encontra uma dimensão política, uma vez que utiliza-se de uma narrativa, que desmonta aquilo que encerraria ou silenciaria o acidente e monta novas relações, sensações e configurações da vida.

A eficácia da catálise poético-existencial reside essencialmente em sua capacidade de promover rupturas ativas, processuais, no interior de tecidos significacionais e denotativos semioticamente estruturados, a partir dos quais ela colocará em funcionamento uma subjetividade da emergência (GUATTARI, 1992).

Sem a pretensão de representar, dar significado, enquadrar um ser, contamos daquilo que salta aos olhos, contamos, também, daquilo que foge aos olhos, oudo que vem pela margem. Até daquilo que não se sabe, mas que provoca arrepio e a sensação de que estamos nesse mundo, e que somos abalados pelo que é indizível.

Barthes (2012, p. 51) diz “um detalhe conquista toda minha leitura; trata-se de uma mutação viva de meu interesse, de uma fulguração. Esse alguma coisa deu um estalo. Provoca um pequeno abalo, a passagem de um vazio”.

Tal mutação viva, *opunctum* é um detalhe, é o que me punge, que me atrai (BARTHES, 1012).

A escrita quer ser uma plataforma de produção. Para quem escreve, para quem lê, para quem virá. Em um sentido radical, que a vida apareça passível de ser vivida e revivida, já que estar nela é buscar produzir-se em um plano mais que objetivo. Essa vida carrega quem se aproxima dela, através de seus possíveis, e estes já não são os mesmos, até porque, dificilmente, assim poderia permanecer. É uma vida rigorosa, entretanto, que exige um pedaço a ser entregue, um bocado de espaço-tempo até que se escute (HARTMAN; GALLI FONSECA, 2010).

Escrever e escutar essas vidas, seria como dar espaço à produção de subjetividade na escrita, leitura, e no próprio modo de ser. Como afirma Guattari (1992, p. 33), “Os dispositivos de produção de subjetividade podem existir em escala de megalópoles. Para apreender os recursos íntimos dessa produção, a poesia tem muito a ensinar”. Neste ponto inventamos esse biografema.

O biografema é uma livre-produção textual que não deriva de significado, mas enfatizando imagens, cenas, gestos, fragmentos textuais, opera significâncias. O biografema não dispensa a biografia - usa-a, desmembra-a, desgasta-a. Disseminação, o biografema não hesita em lançar mão de todos os operadores de linguagem à disposição. Se a biografia opera com dados, instituindo a verossimilhança no biografado, o biografema retém o arbitrário na produção do ser-de-tinta que imprime no papel (ANGOTTIKOSSOVITCH, 1987).

O biografema como “método” que parece existir no ponto que o saber não alcança, movimenta uma outra forma de apreensão do texto. Empreende, no lugar de um curso histórico, um “deixar-se levar”, comum a toda “vida viva”, um “desaprender” que está relacionado a deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos - nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível (ANDRADE, 2011).

Ao biografemar, nos colocamos em movimento, movimento de vetores de forças. Pois enquanto, geralmente, são os profissionais que falam, profissionais que prescrevem e sabem o que é melhor para o usuário e protocolos ditam as normas,

aqui, nesta escrita biografemática, pudemos compor com o que foi vivido e o que a pessoa vive no momento, metamorfose das vozes, das palavras, dos sentidos.

Ao escrever de tais vidas, esquece-se a afirmação de que estão encerradas na infâmia e/ou na genialidade. *Esquecer* no sentido *nietzschiano*, ou seja, o de deixar de afirmar algo que impera, de lançar-se em outra direção, a fim de potencializar o que pode vir a ser. Assim, pretende-se desviar do saber que se diz supra histórico. Anda-se em névoa, com a afirmação da vida através de algo singular; nem um abismo indiferenciado, nem identidade reconhecida. Considerando, como Deleuze, cada vida como um lance de dados que faz parte de um mesmo lançar, fragmentado e reformado em cada lance (HARTMANN; GALLI FONSECA, 2010).

Em favor de uma espécie de linha de ideias sobre ultrapassar aquilo que é pessoal, devemos considerar a obra de Nietzsche. Para ele, o agir do homem criador seria o eterno retorno do tempo, com todos os seus acasos, seus entraves, seus inesperados. Um homem que é capaz de lançar-se para a aventura de esquecer, não no sentido de regenerar a história, mas de retomá-la para transfigurá-la, para recriá-la com outro vigor, outra forma. Um homem que vive o presente não porque rememora o passado, mas porque, com sua força de criação é capaz de redimensioná-lo (COSTA, MOEHLECKE, GALLI FONSECA, 2004).

Memórias que surgem de forma inesperada, a partir de um tropeço, da ruptura com um certo equilíbrio corporal. Uma ruptura em nosso organismo, e memórias de um outro tipo que chegam ao ser. Algo vem do passado, mas não coincide exatamente com o que foi vivido. É uma recriação do passado (RAUTER, 2000).

Assim, há permissão para aquilo que não é lembrado, ou para o que vem de outra forma. Portanto, o esquecimento não foi visto como um erro da memória, pois é ele quem permite os lapsos, os fragmentos que compõem a escrita biografemática, bem como o entusiasmo ao remontar tal escrita de outra forma.

É o esquecimento que possibilita o acesso a esta “outra memória” [grifo do autor]. Possibilita que conservemos o passado como um plano de intensidade, um plano de onde surgirão os materiais da obra de arte – que não coincidem mais com figuras específicas do passado, mas que se referem ao que nelas corresponde a essa superfície intensa (RAUTER, 2000).

A arte é um caminho para saída de nós mesmos – ela nos leva a tocar o plano das intensidades. Desconstrução do eu para torná-lo permeável ao plano intensivo da produção desejante (RAUTER, 2000).

Tal vida é produzida ao se exprimir. Assim como certa secreção e seu odor demarcam territórios existenciais, por onde uma significação é possível, criação e experiência são virtualmente simultâneas. Vida e obra são vidobra, vidarbo, indiscerníveis e em ambas se fazendo, uma através da outra (CORAZZA, 2010).

Escrever sobre alguém – vidobra, vidarbo - é uma escrita alguém – eco de alguém – eco de outros.

Essa figura que salta do texto, toca a vida de quem se debruça sobre o escrito, compõe-se de migalhas, pedaços. São vivos os lampejos romanescos, fulgores que mobilizam alguma produção sobre esse que emerge, um corpo recortado, entrecortado, que varia de acordo com o que a leitura capta, com o jogo que ela joga (ANDRADE, 2011).

Vale lembrar, também, que o prazer do texto sinaliza que algo da leitura faz marca no leitor e que o texto passa pelo corpo do autor.

A vida, assim, é digna de mais do que uma história encerrada. Coloca-se a necessidade de buscar novas formas para dizer de vidas que, em seus próprios modos de se fazerem, questionam toda significação já dada, todo rebatimento em esquemas estabelecidos, todo modo de escrever e descrever pela identificação e linearidade (HARTMANN, GALLI FONSECA, 2010).

Pensar, ler e escrever a vida de um outro passam a ser três movimentos indissociáveis. A esrileitura biográfica teria a marca dessa indiscernibilidade. A obra de um escritor seria, então, isso que permite ler a vida dele como um Texto, e não o apanhado histórico e seco do que fora o registro das suas experiências vividas (COSTA, 2010).

À diferença da informação, não nos preocupamos, em transmitir o puro do acontecimento, mas incorporá-lo na própria vida daquele que conta para comunicá-lo como sua própria existência àquele que escuta. Dessa maneira, o narrador deixa seu traço como a mão do artesão no vaso de argila (GUATTARI, 2005).

Costa (2011, p.132) diz que “o Autor da vida atravessa o Narrador da Obra que, arrebatado por esta paixão, reinventa o autor da vida”.

A redução da leitura a simples consumo é evidentemente responsável pelo tédio que muitos experimentam diante do texto moderno (“ilegível”): entediar-se quer dizer que não se pode produzir o texto, jogar com ele, desfazê-lo, dar-lhe partida. Solicita do leitor uma colaboração prática(BARTHES, 2012).

No biografemar, damos partida a um jogo.

Além disso, o que seria mais árido ao porvir do que fazer de vidas tão hesitantes, tão potentes, a pequena história de uma perdição ou má-sorte, ou a monumental superação de uma dificuldade? Através de uma língua hesitante, arejada, que possua frestas para a formação de outros rostos com novas leituras, almeja-se que tais escritas possam ser mesmo infiéis aos que as escrevem, justas apenas com a potencialização da vida (HARTMANN, GALLI FONSECA, 2010).

TRILHA BIOGRAFEMÁTICA

Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa biografemática, com inspiração esquizoanálítica.

Expressões e termos da esquizoanálise utilizados neste estudo foram conceituados à medida em que compareceram na escrita.

O capítulo anterior deu conta de discorrer sobre o biografema.

Cenário do Estudo

Este estudo foi realizado no município de Cariacica, Espírito Santo.

Cariacica tem origem no tupi-guarani: *caria* ou *carie*, que significa “estrangeiro” ou “estranho”, e *cica*, “que aparece, que chega de fora” (PREFEITURA DE CARIACICA, 2011).

Primitivamente, como uma das fazendas jesuíticas, o município, com o nome de Cariacica, surgiu em 1890 (IBGE, 2017).

O município está situado na Região da Grande Vitória, limitando-se com Vitória e Vila Velha a Leste, a oeste com Domingos Martins, a sul com Guarapari, a norte com Serra e a noroeste com Santa Leopoldina. As principais vias de ligação ao município são a BR 262 e a BR 101 (OLIVEIRA FILHO, 2010).

Cariacica possui uma diversidade produtiva. Reúne os segmentos moveleiro, de confecções, metalmecânico, siderúrgico e de bebidas; serviços de transporte e armazenamento de mercadorias, que são representativos na Região Metropolitana

da Grande Vitória no Estado do Espírito Santo, além de um expressivo subcentro metropolitano de comércio varejista (CAMPOS JUNIOR, 2012).

Segundo Censo Demográfico de 2010, Cariacica possui uma área total de 279,859 km², população de 348.738 habitantes, A população no ano de 2012 era de 352.431 pessoas. Densidade Demográfica em 2010 foi de 1.245,60 hab./km² (IBGE, 2010). Possui a terceira maior população dentre todos os municípios capixabas.

Sujeito do estudo

O sujeito do estudo foi um passageiro de motocicleta, que se envolveu em acidente de trânsito e teve sequelas decorrentes deste acontecimento. Billy (pseudônimo do sujeito), de sexo masculino, 30 anos, solteiro, pardo, pai solteiro com a guarda da filha, sendo que ambos vivem com a mãe do acidentado, foi vítima de acidente motociclístico aos 8 anos, com perda do membro inferior esquerdo. Passados 22 anos anda com a auxílio de muleta, tendo recusado a ideia de usar uma prótese.

Biografemas tem sido realizados até mesmo com um único sujeito, tal como o estudo feito por Andrade (2011). Inicialmente, a pesquisadora foi até a unidade de saúde para encontrar o sujeito da pesquisa, todavia, a caminho para a realização desta pesquisa, por forças de um acontecimento, do acaso, o entrecruzamento desses seres ocorreu sem intermédio dos profissionais das Unidades de Saúde. Todavia, mesmo após ter acontecido este encontro, a pesquisadora continuou indo às Unidades de Saúde para contatar outros sujeitos acidentados, já que inicialmente havia pensado em cinco sujeitos para compor amostra. Como se trata de um biografema, que faz contar sobre vidas como a nossa, não importaria se a quantidade passasse para um sujeito, visto que o que se narra aqui não se refere a uma pessoa determinada e somente a ela, mas remete às coisas que acontecem na vida de qualquer um. É uma vida qualquer, como a nossa. Como nas quatro

Unidades de Saúde que a pesquisadora havia ido não tinha havido encontro algum com os motociclistas ou os passageiros de motocicleta ainda, optamos por continuar somente com um sujeito, valorizando a qualidade do encontro que se viveu. O local do primeiro encontro foi à margem da BR 262, via expressa que corta Cariacica.

Instrumentos e Produção de Material

A forma de produção dos dados foi através da entrevista e sua transcrição, da observação participante, do diário de campo e via rede social (*Facebook*).

Quanto à técnica da entrevista, Marconi e Lakatos (2007, p. 197-199) definem a entrevista como o encontro das pessoas, a fim de obter informações à respeito de determinado assunto. O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação de acordo com o que acha adequado. É uma forma de poder explorar mais amplamente as questões.

Como esta pesquisa se trata da produção de um biografema, e não almeja que seja montado o fluxo cronológico e espacial dos caminhos percorridos após o acidente, a entrevista teve uma questão norteadora da conversação. “Como se vive/qual a maneira que se vive após o acidente?” Como se quis uma livre produção textual - por não colocar *a priori* categorias a serem seguidas, por entender que não existe uma mais importante que a outra e nem por fazer uso de nenhuma categoria-, deixou-se em aberto as entrevista para evocar o que se criou a partir do acidente.

Foi utilizado gravador para apreender os dados de maneira que fossem transcritos na íntegra e pudessem contribuir para a construção do biografema.

Segundo Tozoni-Reis (2009), a técnica de observação tem variações segundo o grau de participação do pesquisador no campo observado, podendo assumir dois tipos, observação ou observação participante. A primeira se refere à coleta de dados

por meio da qual o pesquisador assume o papel de observador sem nenhuma intervenção intencional do fenômeno. A segunda, de acordo com Gil (2008), conta com a participação do pesquisador em que assume, até certo ponto o papel de membro do grupo ou da situação. É a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. É por via desta segunda opção que usaremos a observação, tendo já a concepção de que é impossível os dados serem observados por si só. Há uma configuração relacional sobre aquilo que se “observa” e o “observador”, os dois são modificados neste processo.

Para apreender questões referentes à observação, mas não exclusivamente, será utilizado o diário de campo. Segundo Lourau (1993), este instrumento permite o conhecimento da vivência cotidiana do campo que se pretende estudar. Além disso, possibilita compreender melhor as condições de produção da vida intelectual, pois sem as condições de emergência dos "dados" da pesquisa, o leitor vai ter sempre muitas ilusões sobre a cotidianidade da produção científica.

Segundo este mesmo autor, Lourau (1993, p. 78-79), a prática do diário de campo de pesquisa é uma “escritura ‘fora do texto’”, que permite reconstituir a “história subjetiva do pesquisador” e a produção de um “tipo de reflexão própria do escrever”.

As produções estéticas englobam o campo das artes plásticas, cênicas, musicais e dança. Imaginava-se que poderia surgir, a partir dos encontros, desenhos do sujeito da pesquisa, bem como pinturas, ou outra produção. No entanto, a produção estética que houve foi a musicalidade, em que o sujeito mostrou e cantou suas composições que já havia feito anteriormente. Mas produções da pesquisadora foram incitadas através da pesquisa, das conversas e histórias, por isso, deu-se espaço para que elas estivessem nesta dissertação.

O cultivo e colheita do material se deu do período de setembro a dezembro de 2013, totalizando 3 encontros, que geraram 3 entrevistas, sete encontros *online* e registros de observações e afecções no diário de campo.

Tratamento e Análise do Material

As entrevistas foram transcritas juntamente com os demais instrumentos: observação, diário de campo e outros dispositivos, tais como músicas, desenhos e poemas subsidiaram arranjos e re-arranjos e a produção dos biografemas, buscando valorizar as sutilezas, pausas, risos, lacrimejar dos olhos e os balbucios; leitura do diário de campo, buscando costurar sentidos. A análise dos dados se deu à luz dos pressupostos esquizoanalistas e biografemáticos, que possibilitaram cultivar de que forma o sujeito do estudo recria após ter vivenciado o acidente motociclístico.

Aspectos Éticos

Este estudo foi submetido à Plataforma Brasil sob o registro CAAE 13078313.5.0000.5060, colocado em apreciação ao comitê de ética em pesquisa do centro de ciências da saúde (CCS) da UFES e aprovado em 08 de agosto de 2013.

O sujeito do estudo foi informado sobre a natureza acadêmica e objetivos do mesmo, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e posteriormente, no decorrer das entrevistas, adotou o pseudônimo de Billy.

BILLYGRAFEMAS

UM ACASO

Neste espaço, dou lugar para tornar visível a maneira que se deu o primeiro encontro com o sujeito da pesquisa, que ao saber que teríamos que escolher um pseudônimo para ele, deu um sorriso, “pode me chamar de Billy” e disse, “gostei disso”.

Me delonguei em sair de casa pra ir na Estratégia Saúde da Família de Nova Canaã. Chegando no ponto de ônibus, andando depressa, vi de relance um rapaz usando muletas. Uma indagação: será que ele “perdeu a perna” num acidente com motocicletas? Passou. O deixei ir devido ao receio de abordá-lo, de constrangê-lo de algum modo, no meio da rua, ao perguntá-lo de supetão sobre a perda do membro inferior.

Billy foi andando com uma linha que puxava o meu olhar. Decisão: corri um pouco para alcançá-lo, já que estava parado na calçada, esperava o sinal fechar para atravessar a BR que separa os nossos bairros em Cariacica.

Dessa maneira, surgiu um encontro na rua, que se operou no momento em que me dispus à procurar por esses acidentados. Duas coisas: se deixar encontrar ou não. E com sutileza ao abordar, a pesquisa ganha mais corpo neste momento. – instante em que uma correnteza passa e a diferença de temperatura da maré e da corrente são sentidas. Somos corpos carregados de diferenças. Cada corpo contém mundos.

Ao permitir que os corpos se atravessem, o instante é um infinito de possibilidades. Assim, quem poderia prever que ele aceitaria a pesquisa e começaríamos naquela hora mesmo. Tampouco que me lançaria a mudar o roteiro que havia proposto, mas trata-se de acolhimento e atenção às sensações do encontro, do acaso, um acontecimento. Não havia vislumbrado iniciar a pesquisa na calçada à espera do semáforo fechar, nesta via expressa onde ocorrem tantos acidentes.

Barthes (2012, p.198), refere que:

“considerar o acontecimento sob o ângulo das oportunidades de mutação simbólica que ele pode implicar, significa nós mesmos rompermos primeiro com o sistema de sentido que o acontecimento, se se pretende revolucionário, deve ter o encargo de abalar”.

Ao desviar e descolar do que tinha pretendido (ir às unidades, procurar o enfermeiro, o Agente Comunitário de Saúde e só então, após uma agenda, me encontrar com o sujeito da pesquisa), percebo que acontecimento é isso. Provoca o abalo, citado acima, povoado de receio de atordoar o acidentado, de descompasso ao fazer ziguezague no caminho projetado pelo método, coexistindo ao mesmo tempo o entusiasmo de tê-lo encontrado, a potência que desponta ao iniciar a pesquisa a esse modo, em que no embalo da cidade, o corpo é abalado e convocado a um fazer, que não estava previsto.

“É um lance de dados que afirma o acaso. Por isso, através de cada combinação frágil é uma potência de vida que se afirma, com uma força, uma perseverança ímpar no ser” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 13).

Retomando, acompanhei Billy para que fizesse o que tinha de fazer: cortar o cabelo no bairro onde eu moro. Caminhando, via nele uma pesquisa que anda, e adentra lugares inesperados, como o salão onde antes eu alugava DVD. Uma pesquisa que é mais próxima da vida que pulsa em nós.

Baremlitt (2012) diz que o acaso é aleatório, imprevisível e incontrolável. O acaso que caracteriza os processos são vetores de produção, geradores de transformação. É um deflagrador da diferença, do novo absoluto. Ainda diz que o acontecimento é resultado da atividade afirmativa do acaso, aparição da singularidade.

Neste trajeto curto, ele conta um pouco de como é a vida dele com muletas.

“Os acidentes provocam mudanças. Assim, você fica visível e invisível. Ninguém tá vendo aquela mulher de pasta vermelha atravessando a rua. Mas ela está lá.” Refere Billy.

A mulher de pasta vermelha atravessando a rua é um *punctum*.

Nesta dissertação, o visível e o invisível ganharam tamanha força, que foi preciso voltar à questão do olhar. Desse modo, não há aqui a preocupação com a ordem do diálogo, a ordem do caminho, nem mesmo tudo o que foi conversado.

Segundo Barthes (2012, p. 166), trata-se do que se poderia chamar de história em ziguezague ou denteada: assim, cada personagem [...] remonta aos ancestrais depois volta ao ponto de partida para continuar um pouco mais adiante – e recomeçar.

“A entrada da enunciação no enunciado histórico visaria a “descronologizar” o “fio” histórico e a reconstituir um tempo complexo, paramétrico, de modo algum linear [...]” (BRATHES, 2012, p. 167).

Nesta leitura do tempo, não é o passado que engendra o presente, mas está composto de uma série de potencialidades que o presente ativa, que o presente ilumina. Não é o passado que gera o presente, e sim o presente que explora, que aproveita ou atualiza as potencialidades do passado para construir um porvir (BAREMBLITT, 2012, p. 36).

Enquanto fomos andando, esbarrei na muleta, noutra hora para abrir espaço para ele passar, arranhei meu braço na parede. A sua presença também me faz ter outra relação com o espaço que transitava. Até marcas.

Assumi que a ordem dos fatos não teria tanto valor, falo já do final, nesse momento, a gravação já havia sido encerrada e voltamos a sentar no sofá do salão de cabelereiro, onde conversamos até que a chuva estiasse e ele pudesse ir embora. Nesse momento, a música entrou na história, eu perguntei se ele tocava algum instrumento. Descobri que tinha uma banda, “Enigma”, e que gostava de cantar, e compor as canções, todavia, não tem vontade de compor mais.

Há cinco anos não compõe mais nenhuma música. Billy acha que não tem serventia mais, só se fosse para vender a música para alguma banda que pudesse cantar.

Nota-se que é preciso trabalhar na reconstrução das relações humanas, não se deve perder de vista que o capitalismo se infiltra no seio dos mais inconscientes estratos subjetivos. E para a subjetividade capitalista toda a singularidade deve ser evitada, assegurando-se do poder sobre o máximo de ritornos existenciais para controlá-los e neutralizá-los (GUATTARI, 2005).

Assim, Billy não vê sentido em fazer as músicas. Com um pensamento utilitarista, não nos permitimos deixar fluir o que se pensa não ser de muita “presteza”. Ainda

assim, após terem encerrados os encontros pessoais, em uma última conversa pela rede social, disse que iria pensar sobre compor uma música a respeito desses encontros, mas que era muito difícil. Contudo, outros fatos de ordem familiar lhe aconteceram; o encontro foi adiado, e a música ficou em plano secundário.

Quem sabe um dia volte. Se tiver força, ela volta. E compõe com o presente novamente.

Após os encontros terem sido encerrados, vejo na sua página da rede social uma música com o seguinte título: para lembrar dos tempos de composição.

O acidente ocorreu há tanto tempo que Billy nem fala muito sobre ele. Não tem tanta lembrança. Estava na garupa da moto de seu tio. E no momento do acidente, foi jogado em uma cerca de arame farpado. Na lembrança, a luz branca e o desmaio. Depois já estava no hospital e acordou sem uma perna.

Me estaciono, um problema que surge não pela primeira vez, já li inúmeras vezes sobre esse desconforto. Pois, é quase impossível estar junto a alguém e somente essa pessoa falar, quis me podar ao máximo para não transparecer, ou para dar um ar a mais de pesquisa. Mas, pense: quando duas pessoas que se encontram pela primeira vez, é uma violência evitar o fluir da conversa para manter a parcialidade da pesquisa científica.

Ele falava, provocava em reações faciais, até histórias escritas nos tomam, provocam face curiosa, quanto mais a narrativa em ato, com o sujeito da história. Já estamos envolvidos, até você que lê. Não pretendo me distanciar. Essa história já não é só dele, as coisas que gravei, ouvi, e escrevo aqui não mais pertence a ele, nem a mim. Insiro a primeira pessoa do plural neste diálogo - nós. Pertence a quem conta, quem escreve e quem lê. Ler como quiser, fazer uso do jeito que quiser e olhar da forma que vier.

A palavra olhar aparece lá em cima e convoca outras palavras para estarem juntas dela. Várias vezes nesse curto tempo que estivemos juntos, as várias formas de olhar apareciam. A questão do visível, invisível, o olhar dos outros sobre ele, as coisas que ele tinha de prestar atenção.

No “Livro Sobre Nada”, de Manoel de Barros (1997), um poema.

Prefiro as linhas tortas, como Deus. Em menino sonhava de ter uma perna mais curta (só para poder andar torto). Eu via o velho farmacêutico de tarde, a subir a ladeira do beco, torto e deserto... tocplctocploc. Ele era um destaque. Se eu tivesse uma perna mais curta, todo mundo haveria de olhar para mim: lá vai o menino torto subindo a ladeira do beco tocplctocploc. Eu seria um destaque. A própria sagração do EU.

E dessa vivência em pesquisa, uns escritos:

“Toc-toc-toc.

- Quem é?
- O toque?
- Tem ninguém não.

Toc-toc-toc.

- Quem é?
- O toque.
- Tenho pressa.

Toc-toc-toc.

- Quem é?
- Toque.
- Aonde?
- Onde quiser.
- Entra.
- Licença.
- Tocamos?

Com Texturas. Cores. Delicadeza.

Deixar outro entrar.

Re-tocarnos. Ganharmos peles novas. Como a cobra quando descama.

Cameleão.

Transfiguração de cores? De ser?

Vivendo com passagem, sem forçar. Só por querer toques de vida.

- E se virar toc-ploc?
- Aí virou. Aprendendo. Desaprendendo. Aprendendo. Desaprendendo.”

Olhando tudo isso e como se deu essa entrevista, não me contive de tanta alegria. Visto que foi no supetão, sem saber que ia começar ali, e já.

“Mas o instante-já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente o chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado” (LISPECTOR, 1980, p. 20).

E sem pedir licença, o encontro já foi se dando, mentira, pedimos licença, até termos foram assinado. Na assinatura do termo, Billy estava um pouco apreensivo e até sentiu algum receio a ponto de fazer cara de como quem não quer participar. Mas o vento do encontro leve estava no ar, e pronto, logo já estávamos na beira da janela, com gravador ligado e as linguagens tomando conta.

A palavra “linguagem” me deu uma trava, pois pensei: por que fazer soar, fazer ouvir, fazer escrever, e fazer virar dissertação essas vidas? Fiquei com não sei o que de coisa que trava, de achar que vou colocar tudo no campo do que é discernível. Mas não. Muita coisa foge. Não está aqui, por exemplo, o dedo dele quando apontou para uma mulher da pasta vermelha que atravessava a rua. Mas são fragmentos de vida, que ainda por ser viva, não ter falecido no acidente e resistir re-inventando um jeito de ser, tocam a pele, os ouvidos com histórias, convidando-nos a passear por terras que não eram (embora já fossem), antes desses escritos, pelo menos para mim, e para você que está lendo. Essas vidas estão além de números e gráficos, muito além, estão além até das palavras que escrevo, mas como não estou interessada em angular toda a vida em palavras, fico mais tranquila e deixo, aqui, apenas alguns pedaços de vidas recortadas, amputadas e remendadas.

Nesse remendo cabe muita coisa. Coloco pano, tela, linha e fio encerado. Faço trabalho de *patchwork*, emendo um navio na árvore, emendo uma pele na outra, construo uma cicatriz, pedaço de pele em alto relevo. Com remendos invento histórias, surgem personagens e outras histórias.

Acho que cabe um poema. Acho que cabe um desenho... acho que

Deixo vazio, nem coloco ponto, palavra amputada, palav

PELA JANELA, PELOS OLHARES

Da janela lateral do quarto de dormir
 Vejo uma igreja, um sinal de glória
 Vejo um muro branco e um voo pássaro
 Vejo uma grade, um velho sinal

(Milton Nascimento)

*Água escorre. Os passos estão mais longe.
 Lá embaixo passa gente, passa carro, passa moto. Janela desponta olhares.
 De dentro pra fora, as coisas parecem maiores.
 De fora pra dentro, um ser anômalo - metade concreto, metade humano.
 A chuva escorre.*

Em pé, Billy e eu. Todo o tempo da gravação foi em pé, na beira da janela do salão de cabelereiro. Nela, faço beirada com o mundo de Billy e com as coisas que estão ali. Vida pulsa o tempo inteiro. Com o barulho da máquina do cabelereiro, do cachorro, das buzinas e com os respingos da chuva, a voz de Billy, entre graves e agudos e imitações: uma senhora idosa me oferece a seu acento no ônibus. E Billy imitando a voz das “avozinhas”: “Ah! Meu filho, senta no meu lugar”. Tudo isso parece ganhar um jeito de cenas de uma peça de teatro.

O verdadeiro teatro, porque se mexe e porque se serve de instrumentos vivos, continua a agitar sombras nas quais a vida nunca deixou de fremir:

“[...] O teatro que não está em nada, mas que se serve de todas as linguagens - gestos, sons, palavras, fogo, gritos - encontra-se exatamente no ponto em que o espírito precisa de uma linguagem para produzir suas manifestações” (ARTAUD, 2006, p9).

Pensa-se no teatro como um fazer artístico. A existência como uma arte. Arte desmoldurada, sem pedestal ou luz de destaque. Mas que faz uso de todos os tipos de manifestações e linguagens conscientes e inconscientes para tomar corpo.

A linguagem é definida mais como comunicativa que como informativa, e é essa intersubjetividade, essa subjetivação propriamente linguística, que explica o resto, isto é, tudo aquilo que fazemos existir ao dizê-lo. (DELEUZE;GUATTARI, 1995b).

Desse modo, ao contar uma história, pode-se devanear e se pôr a sentir o cheiro das palavras e ouvir as vibrações das consoantes que chegam aos olhos provocando uma vesguice de desconforto.

“Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de enxergar no olho de uma garça os perfumes do sol” (BARROS, 1998, p. 19).

Não é preciso um olhar simétrico. Se vesgo, há dois onde tem um. Se vesgo, embora olhe reto, os olhos desviam o caminho.

“Não existe o olho, o que existe são modos de olhar” (PEREIRA, 2013). Há maneiras de des-focar o olhar, de olhar para o que é marginal, sem foco.

Quais olhares despontam ao andar pela cidade? Quais olhares o tempo faz ver? E essa cidade, me faz sentir seus olhares?

Sobre o olhar. Um assunto que havia começado no caminho para o salão do cabelereiro é retomado após Billy ter assinado o termo de aceite. Andando, e sem preocupações com o questionário, pedi, enquanto caminhávamos, que me contasse como é a vida dele após ter sofrido o acidente.

Ele volta dizer sobre o olhar assim:

“a vida diferen,cia, antes você era olhado de uma forma, hoje é olhado de outra. Então, é diferente, tudo é diferente”.

Noutra hora diz sobre o visível e o invisível...

“Há lugares em que posso ser invisível e noutros muito visível”.

O invisível penetra onde não tem buracos.

Há olhos no corpo inteiro.

Há aqueles que piscam sem parar.

Outros despontam asa de borboleta.

Uns bem arregalados.

Ainda, os fechados.

Muitas vezes só vemos esses, que achas que é só de ver.

Mas se sentir pra ver, é possível perceber.

“Visível - porque eu tô passando no lugar e quando as pessoas olham, eu sou o cara da muleta. Mas, quando estou numa festa, querendo conhecer alguém, me torno invisível pra aquelas meninas. Eu estou invisível! Mesmo se eu for o cara mais bonito. Você está invisível, entendeu? Agora, a parte visível: eu o cara da muleta, a pessoa chega ali, e fica, ‘ó, tadinho’... Parece que eu vou morrer amanhã. E se você conta alguma coisa... Se você perdeu alguma coisa, parece que perdeu tudo, se perdeu um braço, a perna, perdeu corpo, perdeu tudo... as pessoas não veem uma lógica. Pra muita gente, se você passa num lugar, a pessoa não olha, não olha, não olha a cara de uma pessoa do mesmo jeito, é sempre de forma diferenciada, aí a pessoa vai parando, vai parando pra poder achar alguma dó, eu sou um destaque ali pra alguém sentir alguma dor, uma coisa, uma dó, uma pena. Mais legal seria se a pessoa chegasse e me desse um empurrão até, mas não, as pessoas têm mania... As pessoas tratam a gente como se a gente fosse uma pessoa que precisasse mesmo de uma ajuda, mesmo se a gente não precisa. Têm coisas... Aí é diferente. Você só vai explicar isso quando a pessoa não está te vendo, você não fica explicando.”

“Como assim, não está te vendo?” Perguntei.

“Exemplo, igual eu te falei, eu não gosto de botar foto minha na *internet*, e aí eu estou lá, na *internet* e ‘hum... Quero te conhecer’, aí eu já penso... Eu não penso se a menina é gata, se ela é isso, eu penso, como que eu vou explicar isso (o fato de ser deficiente físico por falta de uma perna), tal, tal? Aí eu vou lá.. ‘Ah, quero te conhecer não’, eu vou logo e cancelo. Claro que eu já conheci muita gente assim... É chato. É muito chato. Se eu fosse uma pessoa normal, eu não ia ter

que explicar. Ir e ter que explicar é complicado. Ainda mais se a pessoa já está lá gostando, aí fica um clima muito ruim, aí já muda, tal, tal, aí você já conhece, tal, tal. Aí é chato”.

E uma vez que havia o risco de elas não passarem para a ordem da razão, uma vez que o discurso era incapaz de levá-las como caberia, o melhor não seria deixá-las na forma mesma que me fizeram senti-las? (FOUCAULT, 2003).

Então, sobre o olhar, deixo todas as palavras, do jeito que são, que me fizeram ouvir e sentir. Lembra-se aqui de uma biografemática arquivista, assim como menciona Costa (2011), que o biografólogo arquivista quer os signos do que não funciona no arquivo, quer aquilo que tem cheiro e não diz do cheiro, que violenta, mas não fala da violência, que tem silêncio, mas não sabe ser silencioso.

Barthes (2012), diz que o mundo frágil, sensitivo, é um mundo resistente; sob o acre e a agudeza do vento, por trás do esquecimento, por trás desse passo atento, alguma coisa ou alguém arde, cuja reserva, permanece, secreta, com uma força que jamais conhece o próprio nome.

Ou seja, quando o vento bate provocando um ardor na pele, a pessoa vive assim, resiste. Dessa forma, o vento que faz nascer o friorento ardido encontra-se ao mesmo tempo dotado de um calor e de um sentido, os quais vêm através destas leituras-escritas da vida de qualquer um. E isso, que não tem nome, “fica no ar”, como se fosse o vetor de uma força, que pode ser mutante.

O teatro foi colocado em cena mais acima, pelo fato de ter iniciado essas conversas, de suas histórias nos fazerem caminhar em outros lugares, enxergar outros olhares, ouvir suas falas, risadas, ver a rapidez ao subir as escadas com muletas, os balbucios da fala que não dá para entender. Saio de mim. E ainda que venha trazer um olhar um pouco duro, que faz dilacerar o corpo dilacerado, sinto um quê de gosto nesse jeito de falar, pois se constrói uma trama e, enquanto se conta, outras imagens roubam a cena.

As imagens de Miró roubam a cena, nas quais há uma profusão de olhos. Faço leituras de Miró.

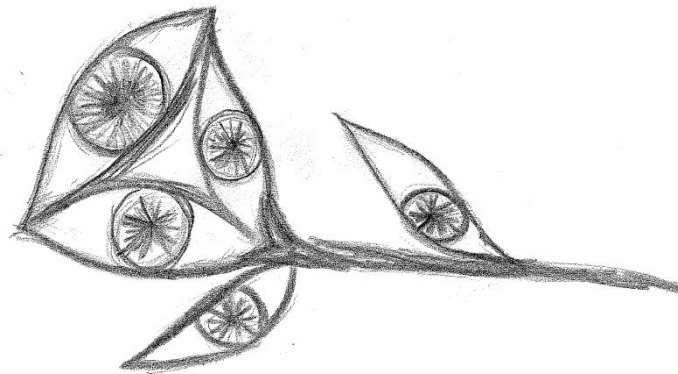


Figura 1. Profusão de olhos

Olhos feito estrada – olhos feito máquina – olhos feitos. Olhos enquadrados.

Inserir olhos, feito estrada.

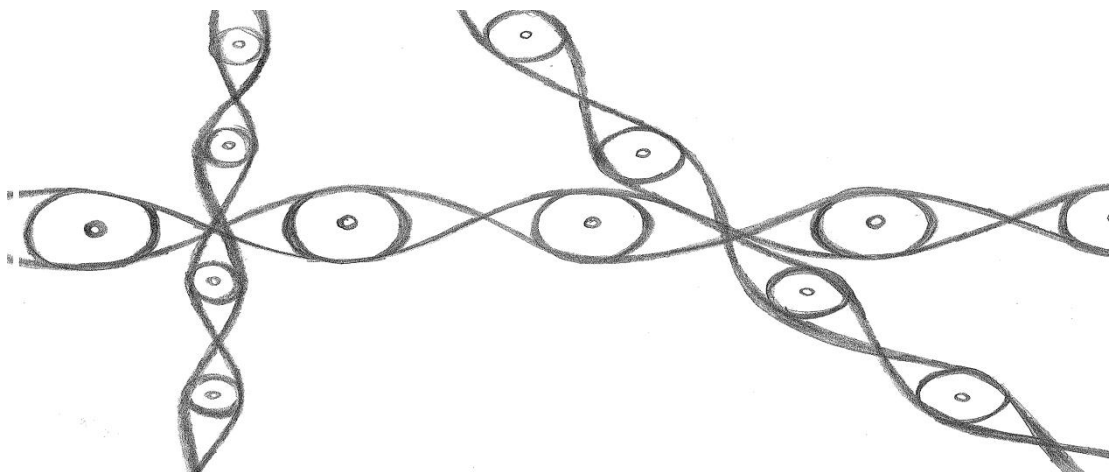


Figura 2. Olhos feito máquina

Numa linha reta – via expressa rasgando a terra com a dureza do asfalto -, linhas curvas ziguezagueantes dos rastros de pneus de automóveis e motocicletas, caminhos que se cruzam, nos quais vislumbram olhos Miró.

Vários olhos. Essa imagem promove um pensar: que enquanto olho, é lançado também um olhar sobre mim. O olhar atravessa o outro olhar. Uma porção invisível entrecruza seres. Se se deixa o entrecruzamento, o que penetra? O que torna discernível, o que não é dizível, o que se torna? Quando desvio, des-vi-o? O des-vejo, ou nem o vejo?

“Quando olhamos o mundo, algo é incluído em nós, em nossa subjetividade; somos afetados por aquilo que vemos ao mesmo tempo em que emitimos algo de nós” (LIBERMAN, 2008, p. 100).

Algo incomoda, desorganiza, perturba. Traz em imagem uma desterritorialização que não tem como encerrar numa narração. Billy traz na pele essa indiscernibilidade, provoca olhares, suscita, apavora, o faz invisível e visível.

Sentir-se mal diante do olhar produzido devido à maneira de andar com uma perna e uma muleta. Neste lugar, imagino que há um pouco de intolerância, provocando diferenças no jeito de tratar, de olhar.

No encontro, entre olhares, pode-se formar uma atmosfera única que corresponde aos movimentos microscópicos de cada um. Essa atmosfera seria a forma das forças presente nos encontros, com base a poeira das pequenas percepções que ganham forma como a atmosfera que pré-anuncia, faz o pré-sentir a forma que se desenhará: a atmosfera muda, então, torna-se clima, assumindo somente ali determinações e formas visíveis (GIL, 1996, apud LIBERMAN, 2008).

Por assim dizer, confronta-se com modos de ser que aprisionam o ser. Que o determinam, e racionaliza as relações, e acaba por impedir ou construir amarras para o livre fluir dessa atmosfera provocada pelo encontro, que é inusitado, e único.

Assim, ficaria indevido dizer, classificar, categorizar, esquadrihar um modo de ser, pois já que faria parte dessa atmosfera, esta é sentida a cada inspiração. Respira! Se chove, sente o cheiro de terra molhada, vê a luz mais luz. Respira! Se passa o carro, sente o cheiro da fumaça. Já é outro momento. Respira, se... Respira!

COMO SE FOSSE UM JOGO

Por momentos, de pesquisa, de conversa, não havia somente eu e ele. Mas uma profusão de seres. Um ser. Vários seres, uns diante dos outros. E a troca de lugar é válida. Como se fosse um jogo. Jogo de bola, jogo de palavra, jogo de ser. Se jogar na pesquisa. Sem ter receio de sair do lugar de pesquisador e se achar no lugar de entrevistado. Há muito prazer nisso, e descobertas.

Como dizer de um mundo visto de rente ao chão; aqui não se encontrará, de uma ou outra parte, nenhum poder ou de elevação para com as coisas. O homem não penetra bem no uso das coisas com que cruza na vida, porque permanece condenado a certo aquém dos objetos que não pode alcançar na “altura” do homem (BARTHES, 2012).

Em alguns momentos era Billy quem queria estar responsável pela gravação. Segurava o gravador, queria ver se tinha gravado, ajeitava colocando o gravador no melhor lugar. Ora, quando havia espaço, me interrogava sobre algumas coisas, e não apenas perguntava, mas fazia cena – alinhava o corpo, impostava a voz e perguntava como um repórter de TV.

Ora, quando percebia que eu anotaria algo que falou, ele conversava com a gravação e dizia “Ó, ela vai anotar isso: é diferente ser diferente”, repetia e esperava que anotasse para depois continuar a narrativa.

Volto a dizer: o sinto como um ator. Um contador de histórias. Com seus remendos. Seus balbucios. Respiração, risada. Sopro. Tantas histórias compõem nossa vida. E agora penso, como deixar-se triste por um evento? A gente vai se fazendo. E sendo presente no dia do encontro, e depois no gravador, sinto com a força de menino, com a inquietude e malandrezia que o fazem ter uma relação com a vida de forma potente. Na conversa e o jeito que se coloca, pede movimento. Levantava, ajeitava a cortina, andava rápido, perguntava se queria que me buscasse no dia da entrevista, pois o fato de descer todo aquele morro para me buscarnão era problema. Ele só não gostava da chuva.

Sinto que o corpo não cabe. Quando ele sai com os amigos, não quer ficar parado, só bebendo, sentado. Quer ir, andar, fazer outras coisas. Até a sua voz, vai mudando no decorrer, como se estivesse exercitando os vários timbres que possui, ao imitar a velha, a criança, ao cantar. Um exercício sem intenção alguma. Fala um pouco desconexo, mas é exercício. Todavia, quem disse que tem que correr e cantar ao mesmo tempo? O corpo pede passagem.

Barthes diz que “o Texto [grifo do autor] decanta a obra como consumo e a recolhe como jogo, trabalho, produção, prática. Isso significa que o texto pede que se tente abolir a distância entre a escritura e a leitura” (BARTHES, 2012, p. 73).

Jogar com o texto. Jogar no sentido polissêmico: além de jogar ser um sentido lúdico, é também um sentido cênico, é um termo musical, tocar. Remete, ainda, a arranjos e composições estéticas, etc.

Há um jogo não hegemônico sendo desenrolado nesta pesquisa.

Esse jeito de fazer poderia ter como pista, o rato. Pois o rato ataca as coisas; deixa pouca coisa por onde passa, interessando-se pelo que seu olhar oblíquo, vindo do chão pode agarrar; ficando rente às coisas não perdoa nada, escorrega pela superfície de tudo, cujo movimento é feito de sacudidelas, de um descontínuo rápido (BARTHES, 2012).

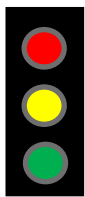
“Ratos são rizomas” (DELEUZE;GUATTARI, 1995a)

Um jogo de escrita menor. Um jogo que não atende necessariamente ao jeito categórico hegemônico de fazer ciência, de fazer escrita, de fazer encontros.

Criando entonações e atores. Talvez essa força artística, que é nominada somente agora, já enuveasse as vidas, e quando acha um território que dá espaço a ela, ganhasse corpo, nos fazendo outros.

Qual jogo estamos participando ao praticar uma dissertação?

Será que os motociclistas jogam com o asfalto, com a moto, com o corpo? De vez em quando, parada no sinal, me entrego à hora da largada.



Vermelho. Um, dois, três... Vrrrrmm

Partida. Ouve ruído. Deixa rastro.

Os carros já passam por cima do rastro.

Quem vê? Se vê, o que se faz?

Todas essas vidas, destinadas a passarem por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas, só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder. De modo que é, sem dúvida, impossível recuperá-las nelas próprias; só podemos manusear tomadas nas declamações, nos jogos de poder e nas relações com ele. (FOUCAULT, 2003)

Quanto aos acidentados, quem os vê? Nossos olhos e várias instituições: Universidades, SAMU, Institutos de pesquisa, Detran, Famílias, Acidentados, Comunidade, etc. Em alguns espaços, são transformados em números e gráficos, leis são promulgadas para poder julgar ou achar um sentenciado. A leitura que se tenta com isso: “sofrem o acidente por infringir”e, dessa forma, o acidente foi consequência do “mal ato”.

Aqui, tenta-se dar visibilidade ao que surge desse rastro, nos atentando como ratos, ao que pode florescer dessas vidas, pois quando não encaramos como números ou consequência desses “maus atos”, o rastro desenha configurações e composições com os seres da cidade e com a própria cidade.

No ato da pesquisa, o sujeito transmuta e seus vários timbres podem ser ouvidos. Se tiver um ouvido apertado, as palavras entram e fazem vibrar até a superfície da pele. Fazendo ver essa vida, com os vãos que ela deixa pela cidade, percebendo o jogo de cintura, nos aproveitando e até roubando pra buscar nelas outras relações.

No momento em que forças produtivas são capturadas em grandes organismos reprodutivos como o Estado ou o mercado capitalista, vigora a antiprodução. É o que subjaz a grandes processos sociais como a guerra, à geração de contingentes sociais que estão destinados a morrer e que morrem, não apenas por deficiência da

provisão ou da organização, mas por atitudes ativas do poder destinadas a destruí-los, como é o caso da marginalidade, da mortalidade infantil, dos genocídios contemporâneos, etc. Essas potências são forças singulares, produtivas, que a sociedade não está em condições de incorporar porque não pode transformá-la em mercadoria, seres, bens, valores, serviços – não pode assimilá-la à lógica do sistema. Então, ou as deixa morrer ou as mata por meio de mecanismos mais ou menos deliberados, mais ou menos premeditados (BAREMBLITT, 2012).

Voltando à imagem do semáforo, há também os que não foram acidentados, os quais correm, deixam seu rastro na partida. Tal forma de viver é sustentada, por isso, corre na corda bamba para não deixar passar o dia, e poder manter-se de pé. E nessa produtividade acelerada, tenta-se parar o tempo para “dar conta do que tem pra fazer” para tentar uma maneira de viver bem. Os motociclistas aceleram e conseguem fazer o tempo andar mais devagar.

M a i s d e v a g a r .

Um jogo com o tempo.

Guattari (2005) aponta e questiona: as forças produtivas tornam disponível, pela revolução informática, uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com qual finalidade? A do desemprego, marginalidade opressiva, solidão, ociosidade ou a da cultura, criação, pesquisa, reinvenção do meio ambiente, enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade?

“A instauração a longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte parece daqui em diante fazer parte integrante do monstruoso sistema de ‘estimulação’ do Capitalismo Mundial Integrado.” (GUATTARI, 2005, p. 11)

Numa postura de embate, jogamos com o tempo, e com a dissertação, para fazer brotar vidas e histórias que vão resistindo à dureza dos sistemas – que fazem um bom viver e inúmeros acessos somente para alguns.

Temos um portal de acesso para fazer falar até o que é incoerente.

Fazer o tempo andar mais devagar. Não nos prestamos a certas coerências.

BAÚ DE HISTÓRIA

Ratos geralmente vão a lugares onde não há muita circulação, passagens, nem muitas luzes, prefere os mais desabitados. Mas tudo faz parte da vida. Estamos vivos. Mesmo que alguns estejam vivos quase que por um triz, estão.

Uma imagem: o baú.

Como o acidente não guarda somente as coisas do acidente, uma proposta: que se retirasse narrativas do baú, que fazem parte da própria vida e, assim, jogamos com o passado, o presente, entendendo que neste jogo, o que fazemos é uma atualização da história contada.

“O interesse da história é o de reconstruir o passado enquanto ele está atuante e pode determinar ou está determinando o futuro. Passado e futuro se constroem e reconstroem incessantemente” (BAREMBLITT, 2012, p. 36).

Quando a imaginação ganha esse mundo, o ato de invenção é só questão de disposição. E em Linhares, encontramos o Pedrinho do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que gosta de sair a cavalo com um anzol e ir pescar. “Eu era igual o Pedrinho, conhece?”, disse Billy.

Ultrapassar a história da televisão e fazê-la ganhar o corpo. Encontro de dimensões. Criação de realidade-fabulação.

Essa realidade de lá é evocada no ato em que pinça coisas do baú que acha importante dizer. Não se dá a presteza de aqui dizer o porque era importante, mas olhamos para o ponto em que histórias criativas e inventivas do passado despontam no agora.

“Nó’,era muito massa. Eu gostava de ir pro interior, andar de cavalo. E eu faço isso até hoje. Eu gostava, eu tinha mania de ser Pedrinho, aquele do Sítio do Pica-Pau Amarelo, aí eu ficava no meio do mato lá, com o estilingue na mão, pelotando o passarinho, ficava pescando o dia todo”.

Há de se considerar que se tem gosto em sair desse plano de seres duros, com características e caracteres prontos. E fazer emaranhados, criando rede de possíveis.

Indivíduos ou grupos são feitos de linhas, e tais linhas são de natureza bem diversas. A primeira espécie é segmentária, de segmentaridade dura, todas as espécies de segmentos bem determinados, em todas as espécies de direções, que nos recortam em todos os sentidos. Ao mesmo tempo, temos linhas de segmentaridade mais flexíveis, de certa maneira moleculares. Estas traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos. Muitas coisas passam sobre essa segunda espécie de linhas, devires, micro-devires, que não têm o mesmo ritmo que nossa história. Por isso, são tão penosas as histórias de família, as referências, as memórias, enquanto todas as nossas verdadeiras mudanças passam em outra parte, uma outra política, outro tempo, outra individuação. Ao mesmo tempo, ainda, há como que uma terceira espécie de linha, esta ainda mais estranha: como se alguma coisa nos levasse através de nossos segmentos e limiares a uma destinação desconhecida, não previsível, não preexistente. Em todo caso, as três linhas são imanentes, tomadas umas nas outras. Temos tantas linhas emaranhadas quanto nas mãos (DELEUZE; PARNET, 1998).

“Mas, aí, você vai crescendo, e vai tomando rumo diferente. E, aí, vai mudando, sei lá, não sei se eu vou tendo mais preconceito comigo, ou se eu vou sentindo pena de mim, ou sentindo alguma coisa diferente, aí, acaba, que eu vou mudando”, disse ele.

Um corpo não quer ocupar esses lugares já amarrados. Vive a procurar outros. Insiste. E ao não encontrar, ainda, pontos de apoio e ao mesmo tempo pontos de suspensão, a essa maneira que pede movimento do ser, acaba se rendendo a alguns modos de viver que são do tempo presente. E quando assim cede, pedaços de vida podem ficar com um ar cansado. Com músculos rígidos, não tão flexíveis. Todavia, assim como alguns tipos de linhas, essas “energias” que dão vazão aos movimentos, estão aqui.

“Só que, aí, eu gostava também, porque tinha meus colegas. Mas meus colegas casaram tudo, se encheram de filho. E, aí, de vez em quando, a gente se reúne lá, e eles tão tudo parecendo velho. É, não

gostam de fazer nada. Gostam de ficar sentado lá, enchendo a barriga de cerveja. Aí eu chamo: ‘ah, vão sair, vão pescar, vão pular no rio aí’. ‘Ah, não aguento isso não’. Eu gostava!”, rememora Billy.

Uma vontade pulsante, vamos sair, vamos pescar, vamos pular no rio. Vontade de sair desse plano produzindo um corpo mais envolvido com as coisas da natureza também. Uma linha de fuga.

“Não se trata de acrescentar sobre a linha um novo segmento, mas de traçar outra linha no meio da linha segmentária, e que as carregue conforme velocidades e lentidões variáveis em um movimento de fuga ou de fluxo” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 152).

Parece que no fim de cada conto, tenta-se dar um sabor de, “e aí, o que fazemos com isso?”. Que intenção tem este texto? Todavia, é mais para sentir. Sinto eu assim. Sente você ali. Se não sentir, são letras. Então mergulha no mar. Que uma narrativa, às vezes, faz ficar tudo junto, como se o tempo não fosse. Ou melhor, como se as palavras e essas costuras, fizessem do tempo uma sanfona sem esticar, juntando várias histórias, as fazendo conversar, para ver o que estamos construindo neste tempo presente. No exato momento em que escrevo, percebo o corpo sentado, vejo a nuvem quando o sol a pinta de luz somente nas bordas. E mais todas as coisas que as palavras não alcançaram para colocar aqui, ou simplesmente, foram deixadas no fundo do baú.

A sanfona. Uma imagem do tempo. Que estica e encurta. Diz que não para. Encontramos, então, com a música. Na música até o silêncio é música. O vento não para, e às vezes o ar canta. Há os sons que não cessam. A queda d’água não para, e a cachoeira canta. A onda não para de bater, e o mar canta. E quando não ouve, até o silêncio é música.

No desenrolar do tempo e conforme dançamos com ele, compomos uma música bailada pelos corpos. Por momentos, passamos sem perceber que dançamos, com celeridades corridas e lentificadas, mas se prestarmos atenção, vamos ver que o tempo inteiro dançamos.

E, olha, capta, percebe, temos a cada instante um *boom* de artefatos, que chegam, porque também bailam. É quase que por contágio, conter, quase impossível, em alguma dança se entra. Mesmo que seja a mais sutil.

E os pares, os grupos, as rodas formam-se e desformam-se - Nossos bandos. Os batuques, dedilhadas e entonações formam-se e desformam-se - Nossos trabalhos. Os salões, pistas e galpões formam-se e desformam-se – Nossos lugares.

Um convite a compor, mas sentindo essas composições. Sentir o tempo inteiro, será que aguentamos? É preciso um corpo tonificado para bailar tanto. Ainda mais, se ritmos mais badalados são mais impostos. Nessas horas, canções de amor fazem acalmar, podem dar outro ritmo aos dedos, ao tom e ao coração.

Há umas músicas que são intencionais, sentidas, gravadas:

*“Não consigo nem falar
Não consigo te olhar
Não consigo parar
De pensar em você
Não sei o que está me acontecendo
Nunca senti isso por ninguém,
Nunca pensei que eu fosse amar alguém
Exploda-se o mundo
...
A cada minuto sem você é uma eternidade
E já não adianta mais esperar
Eu quero muito te encontrar
E como saber onde você está

Eu não consigo nem falar,
Eu não consigo te dizer
Que eu amo é você”
(Autor: Billy)*

Essa é uma composição de amor.

Vamos a um exercício: imagina a cidade, as ruas, curvas, paradas, idas e voltas. No real, percorre-se um espaço grande para passar por isso. E passamos ao nos deslocarmos, fato. Agora, como na sanfona comprimir e jogar esses caminhos para o nosso corpo. Nesse exercício, a cidade nos ensina um movimento corporal. Agora é só dançar. Na velocidade que quiser. Aprendemos a compor com a cidade em uma versão de bailarina ou se preferir em hip hop, é só ajustar a batida.

Corporificando uma cidade. A vida inteira e esse modo de viver acabam nos fazendo criar algumas barreiras, estabelecemos algumas fronteiras, inculcamos limites entre lugares, e colocamos lajotas construindo muros invisíveis até.

Subir morros requerem pernas resistentes e forçosas, nesse exercício de dança, e praticando, podemos experimentar um corpo resistente e atravessar/ser atravessado pela cidade com todos os seus relevos sociais e geográficos.

O que conta não são apenas os dois campos opostos sobre a grande linha em que eles se confrontam; o que conta é a fronteira, por onde tudo passa e corre sobre uma linha quebrada e molecular, orientada de modo diferente. (DELEUZE; PARNET, 1998). Trata-se à disseminação de novas singularidades.

“Uma imensa reconstrução das engrenagens sociais é necessária para fazer face aos destroços do Capitalismo Mundial Integrado. Só que essa reconstrução passa menos por leis, decretos, programas do que pela promoção de práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade, que vai adquirindo autonomia e ao mesmo tempo se articulando ao resto da sociedade” (GUATTARI, 2005, p. 44).

Silêncio.

Silêncio.

Billy retira outra história do baú.

“Ah tenho muita coisa no baú. Tipo, joguei bola com Zico.

Aí, quando eu falei que jogava bola bem, eu fui numa festa, festa concertinho em Linhares. Acho que eu tinha 15, por aí. Aí, o pessoal

nem sabia que eu jogava bola, né. Aí eles viram eu de muleta assim, aí pegaram e:

- Ei, vai ter um jogo beneficente lá no campo de Linhares lá, aí o Zico vai vir aí, a gente tá precisando de alguém pra jogar.

- Você tá falando comigo mesmo? perguntou Billy ao cara.

- Não, eu tô falando sim!

- É porque eu estou de perna mecânica aqui.

- Mas vão lá poxa, você sabe jogar bola?"

Ao que Billy retruca:

“- Ah, rapaz eu acho que eu sei,eim”.

E o cara: - mas mesmo não sabendo. Só que você não pode jogar com essa muleta aí não.

- Ah, não! Então, não vou, não! Eu só sei andar com essa muleta aqui. Já tentei andar com aquela outra.

- O pessoal jogando, eles, tipo assim... Eu não tenho muito domínio. Não de dominar a bola, tal, tal, eu sou mais de driblar, de correr, aí o pessoal, ‘caramba, você corre muito, meu, caramba!’. Aí eles começaram a chamar pra eu ir jogar lá. Aí tem essa parada de ter que ir lá pra Linhares, eu morar aqui (em Cariacica). Aí nem fui não. Aí cheguei aqui, contei pra todo mundo que eu joguei com Zico ...

- para de mentir, Chuchu.

(Risadas.)

- Sério, pô, eu fui numa festa lá, pegaram, me levaram pra ir lá.

- Para de mentir, Chuchu.

- Tá bom, vai, eu tô mentindo.

(Mais risadas).”

Quando o acidente ocorre há muito tempo, quem imagina que a vida inteira, o tempo todo, há de figurar um ser que resista. Em cada convite, em cada fazer, uma resistência. Nessas resistências despontam as forças que compõem o ser.

Vejo nesses relatos mais coisas da vida do que do acidente. O acidente foi se dissolvendo.

O que é que tem nessa vida pra poder caber aqui, numa dissertação da Saúde Coletiva, compreendida como um tripé, entre políticas públicas, a epidemiologia e as ciências sociais. Se olharmos assim, essas vidas entram bastante em cada ponto do tripé: um amontoado de leis, políticas são feitas para tentar dar conta do tanto de acidentes que ocorrem, os acidentes estão entre as principais causas de mortalidade por causas externas, sem contar no oneroso dispêndio para o SUS.

Quanto às ciências sociais, há muitos enfoques, a citar pela forma como se dá o trabalho e o modo de viver em que o tempo é o grande oráculo. Todavia, a vida é vida sem saber desse tal tripé que sustenta essa área chamada Saúde Coletiva.

E como contar dessas vidas, sem enquadrá-las em um ou outro ângulo?

Baremblytt (2012) diz: o que existe são imanências - a inerência, a posição intrínseca de cada um destes campos em relação aos outros – que só se podem separar de uma maneira artificial para a finalidade de estudo. A rigor, funcionam sempre, por assim dizer, um dentro do outro, incluindo-se no outro.

Billy, eu e, também, você leitor: em nossas potencialidades, acabamos formando um time.

Há quem domine a bola.

Há quem tenha boa pontaria.

A Billy interessa mais driblar.

Ir passando, de fininho, dando uns arranques,

Ir driblando, ir driblando, ir driblando...

FORMIGAMENTO

Corpo formigando.

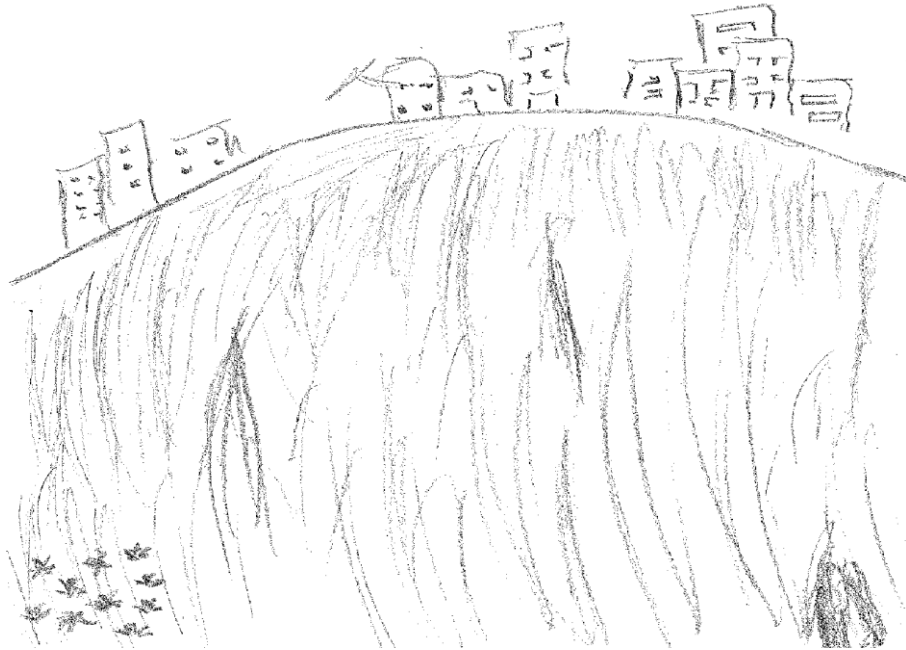


Figura 3. Aguentar um bairro

Uma pedra cinza, forte, sustenta o bairro em que Billy em cima dela.

“Pouco a explicar do mundo, nenhuma verdade deste a ser descoberta” (COSTA, 2011, p.40).

Há pensamento? É claro. Há um pensamento desconectado que não grava muito. Acho que é mais de sentir. Sentir esse corpo formigando, a natureza, o olhar, a presença do outro. Não interessa qual roupa, interessa ir. Vamos? Sentir, sente?! Formigamento de quê? De euforia ao ler coisas de biografema, de tensão por ver que o prazo se aproxima ou euforia das ideias que surgem?

Num caminho, BR262.

*Pela esquerda, um rio negro, escuro, feito chão de asfalto,
Repleto de tubarão de aço veloz.*

Pela direita, quase de cor igual, uma pedra grande e forte.

Em cima dela um bairro inteiro.

E entre-tudo, gente.

Agora um receio. Será que... Muitos receios. Às vezes até vazio. Que por assim dizer, é bom. Pois posso com o vazio riscar, entrar, assoprar, fazer acrobacia. Acrobacia na escrita. Acrobacia com a escrita. Para quê? Pra fazer a letra respirar e uma pesquisa dançar. Pisar movimentos, dar tons numa parede de pedras que constitui a cidade. Isso é modo de subjetivação também? Como habitar/se habitar ao ser pesquisa?

*Lá no final da rua há uma pista de motocross. Fazem acrobacia:
motocicleta – homem – manobras - chão batido - velocidade.
Já foi visto, mas neste momento o que me punge é o barulho.
Há uma distância.
O ouvido consegue ver de mais longe.*

Cada ser para conquistar um mundo harmônico, que se ocupe em habitar bem com socius-meio ambiente há que se esforçar para detectar modos de existência que potencialize contatos e criações em sua existência. Em geral trata-se de algo que se coloca atravessado à ordem “normal” das coisas – uma repetição contrariante, um dado intensivo que apela outras intensidades a fim de compor outras configurações existenciais (GUATTARI, 2005).

Músculo das costas rígido. Inconcebível ficar só na acrobacia da letra. É preciso lembrar-se do corpo. Para fluir junto. Não há o ser pesquisador, ser Mariana, o ser social. É tudo uma composição de seres. E por falar nisso, Billy compõe músicas. Uma questão de composição.

Movimento – composição.

Como num fractal, se re-tocar, permitir reações e, através disso, aprender modos de viver, que está longe da representação, ou identidade, já que se atualiza o tempo inteiro. “Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a).

Movimento – composição: um caleidoscópio.

Billy nos ensina sobre os olhares, o olhar que constrói e é construído – uma imagem, o caleidoscópio. E com a coragem em se deixar tocar à pele e aos olhos, aprendemos com Billy que a construção pela troca revela a multiplicidade das formas.

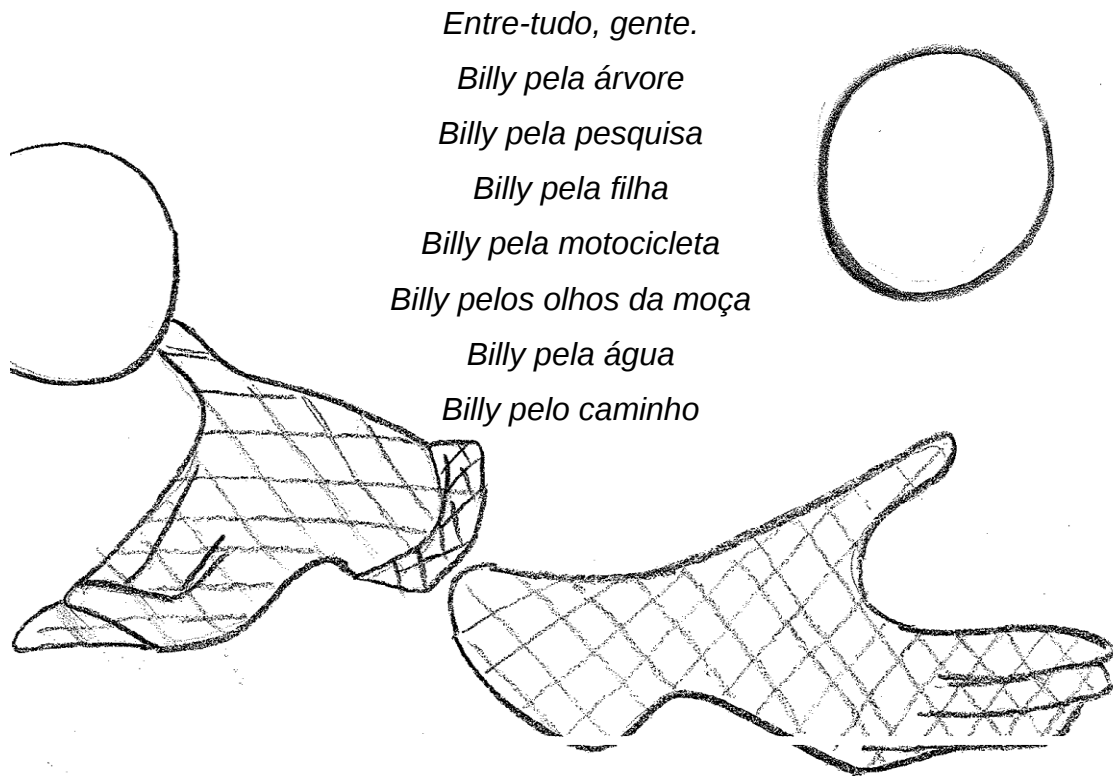


Figura 4. Malabareando

Os votos são que as tomadas de consciência ecológicas estejam mirandomais os modos de produção da subjetividade, que dizem respeito a sistemas de valor incorporal, os quais a partir daí estarão situados na raiz dos novos Agenciamentos produtivos (GUATTARI, 2005).

Malabareando. Sincronizar tempo, bola, movimentos, reflexos. Fazendo uma arte ao alcance das mãos. Malabareando maneiras de ser Billy. Contas pra pagar, tempo, cuidado com filha, movimentos à altura dos olhos. Uma sincronização, harmonização em tempo presente, que, quando prestes a deixar a bola cair aciona a perna para segurá-la. E se cai, aguenta os olhares e acompanha o movimento da bola pelo caminho.

“Ao movimento da bola, se mover. Criar agenciamentos.”

“Os agenciamentos subjetivos individuais e coletivos são potencialmente capazes de desenvolver e proliferar - como na pintura, literatura, cada desempenho tem vocação de evoluir, inovar, inaugurar aberturas prospectivas” (GUATTARI, 2005, p. 22).

Agenciamento coletivo de enunciação e agenciamento maquínico de corpos.

Esta pesquisa é em conjunto. Cabe, por isso, dizer que letras que escrevo e leio, são escutadas por ouvidos estreitos do meu amigo Thiago de Sousa Freitas Lima, do Grupo Rizoma, a fim de passar de um jeito espremido na orelha, tocando, provocando outras ligações, compondo o corpo vazado da dissertação. Assim, vão aparecendo outros interesses do Grupo nesse processo. Por isso, entra uma tentativa de explicar esses agenciamentos colocados logo acima.

Agenciamento Coletivo de Enunciação

Enunciação – uma linguagem.

Coletivo – Heterogênese, singularidades, o que desponta em um, e em outro diferente.

Agenciamento – o que engendra, são máquinas funcionando, engrenagens.

Agenciamento Maquínico dos Corpos

Agenciamentos – são engrenagens que funcionam e produzem outras coisas.

Maquínico – o que se processa o tempo inteiro, não pára. Engendra.

Corpos – que pode afetar e ser afetado.

Ou seja, se está em presença de um agenciamento todas as vezes em que se pode identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente. O indivíduo por sua vez não é uma forma originária evoluindo no mundo como em um cenário exterior ou um conjunto de dados aos quais ele se contentaria em reagir: só se constitui ao se agenciar, só existe tomado de imediato em agenciamentos. Pois o campo de experiência oscila entre sua projeção em formas de comportamento e de pensamento preconcebidas e sua exibição num plano de imanência onde o devir não se separa mais das linhas de

fuga que traça em meio às "coisas", liberando o poder de afecção e justamente com isso voltando à posse da potência de sentir e pensar (KAFKA, 1977)

As leituras de biografemas, as vidas de Billy, os malabarismos, etc. “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (DELEUZE, GUATTARI, 1995a). Uma pesquisa que se agencia o tempo todo. Ao invés de constatações, formigamentos. Formigamento provocado pelo contato com as leituras da dissertação, com as vidas e a cidade, com o malabarismo em letra e em vida.

Dar lugar ao que pede passagem, agenciamento maquínico dos corpos e agenciamento coletivo de enunciação, e através de uma linguagem não deixar que isso venha dissipar, todavia vir configurar o real, compor com o real, criar campo de consistência. Entre o molar e o molecular, mesmo cambaleando o ser possa fazer contato, mas recorrendo à atenção e à sensibilidade para notar o movimento que vem surgindo em conjunto.

“Os catalisadores existenciais estão ao alcance das mãos, mas na ausência de um agenciamento de enunciação que lhes dê um suporte expressivo, eles permanecem passivos e correm o risco de perder sua consistência” (GUATTARI, 2005, p. 28).

Tomar parte do momento presente. O que converge, faz sentir, agenciar, propagar. Ser presente. Em leitura, em encontro, malabareando palavras, malabareando andares. Assim caminhamos, eu, Billy e o que mais vier junto.

UM HOMEM DE PEDRA

Formado e desformado pela ação do intemperismo. Que anda e faz barulho. Guarda consigo alguns outros elementos. O fogo, o ar, água, terra, tecnologia que o faz andar. E essa tecnologia traz gosto. Acompanha e constitui. Se diz que somos também a nossa história, há muitas histórias que nos constitui. Entrando em contato com algumas, descubro um homem de pedra no meio do caminho. “Havia uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho havia uma pedra” (ANDRADE, 1930). Como era de se imaginar, a articulação entre pedras é um pouco dura, tem arestas, que não se encaixam muito bem uma na outra. Umas mais pontudas, outras com buracos, até sente um pouco de dor ao andar, devido às pontas que arrastam na outra pele que é um pouquinho mais lisa. É que esqueci de avisar, que em muito é de pedra, mas há pele, poros, espíritos, líquidos, brasas, areia. Produz rumor ao andar, estranhamento ao se movimentar por carregar esse monte de elementos, que talvez até destoe do que é costume ver. Mas, como era muito de pedra e a pedra fazia barulho, ficou conhecido naquele alto de o homem de pedra. A pedra é um destaque e, por isso, os outros componentes entram no esquecimento. Por vezes, até ele se esquece que é de vento, de peixe, de boi, de fogo. E ainda anda por aí. Entre memórias, esquecimentos e encontros. Provocando ruídos e desvios.

Uma dificuldade de pensar nesse pedaço de letras e conseguir elencá-lo com algum pedaço de ciência, ou filosofia para dar mais consistência. Questiono: Se não elencar, deixo a escrita fraca? Mas de que estamos tratando, se pra dar força é preciso achar alguém de notório reconhecimento que transforme letras em um texto fidedigno, com respaldo científico? Penso, que se assim fizer, em vez de deixar palavras vierem no tempo em que elas quiserem e no tempo em que uma puxar a outra, como uma linha que faz crochê, perde-se não os fios da meada, mas a própria força do fluxo. Então, ter que achar a linha, a cor, a agulha com numeração certa, mas enquanto isso, as mãos querem estar tecendo palavras, e ver qual colcha surge. Mas, se encontro tudo isso, vejo os outros produtos que foram feitos com toda essa artemanha, e aí se esse sai de outro modo, há questionamento, por que não se enquadra, será que a linha não era adequada, só pode ter sido a agulha que não mensura direito. Não. Não quero. Quero uma produção que seja livre, e que venha

a surpresa do que se pôs a construir. Deste jeito, podem surgir anomalias, homem de pedra, com asas que se queima no fogo sem embrasar. Quem disse que não existe? Se eu escrevo, você lê, e está aqui nesse meio, ele pode tornar existente. Um jogo com rigor, e compromisso com a ética, numa criação estética da vida e de mundos que compomos.

Parece urgente desfazer-se de todas as referências e metáforas cientistas para forjar novos paradigmas que serão, de preferência de inspiração ético-estéticas.

Escrevendo assim, a escrita ganha novo estatuto. De achar que o corpo, junto com o corpo cidade, corpo natureza, etc, pode. O que pode? Pode criar. Achar nas palavras que saem agora alegria. A ponto de sentir a energia na mão enquanto os dedos impõem uma força no teclado para sair as palavras aqui colocadas.

Uma pesquisa que não fica só nas falas dos encontros, ela faz a cidade ter nova configuração. Enquanto ando, vejo motos, árvores, pedras, pessoas, olhares, ouço falando desses “motoqueiros” e isso tudo compõe um corpo pesquisa, corpo andante e “*sentinte*”, que passa por aí, em processo, em fluxo. Achando e deixando suspenso as coisas que tocam. Como assim, nova configuração da cidade? A partir das histórias contadas, revividas, e agora com-partilhadas, transformam-se em nossa. Transformando em nossa, retira do patamar de intocável e, com isso, com cada encontro, faz-se uma pausa.

Da pausa. Esta é um campo intensivo que quando ocorre funciona como um agenciamento. Pois histórias narradas jogadas ao ar, são respiradas, entram, fazem mutação em reações, e provoca outras modelagens relacionais. Segundo Deleuze (1995a), um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas.

“Ora, um agenciamento qualquer comporta, necessariamente tanto linhas de segmentaridade dura e binária, quanto linhas moleculares ou linhas de borda, de fuga ou de declive” (DELEUZE, PARNET, 1998).

Em cada contato engendra-se uma substância, cujo efeito dura por todo o tempo que durar o toque. A substância é dotada do ato de nos tocar. O ser desperta a

matéria, o contato dotado de todos os sonhos do tato imaginante dá vida às qualidades que estão nas coisas (BARCHELARD, 2001).

A pedra, por exemplo, é muito mais pedra quando me toca e eu a toco e, então, transmuta em corpos sensíveis capazes de revalorar os valores da vida.

Os Agenciamentos existenciais que engajam durações irreversíveis não concerne apenas aos sujeitos totalizados, mas também aos objetos institucionais, os rostos, as paisagens, entre outros. A lógica das intensidades leva em conta os processos evolutivos. Esses processos de “se pôr a ser” (GUATTARI, 2005).

Nesse modo de produzir e ser produzido pelo ato de pesquisa-ação e se encontrar com os corpos numa inteireza de presença, sem res-guardos, ou pre-conceitos, tendo como prática o cuidado, há a descoberta de que ocorre interferência dos seres, todos os tipos de seres, dos caminhos e há transformação, não das partes, pois entendemos que somos extensão, em conexão, e nisto, criam-se novas maneiras de saída das experimentações. Experimentação que sai em linguagem não descritiva, todavia com aberturas à passagens. Como esta:

Lá na Serra:

Cachoeira, tapete de folha, tapete de pedra.

Uma entrada de corpos.

Ousadia inunda no corpo água.

Jogar com pressão e gravidade

Alcançar corpo pedra do fundo

Num instante. Rosto-pedra-esfragaço.

Corpos se juntam ao corpo das águas cantantes.

Encanto.

Em-canto, enredo. Vale o mencionar o enredo de Sherazade, que conta suas histórias para persistir viva.

Assim, pode-se tentar uma aproximação do biografema ao enredo. Sherazade construía enredos para manter-se viva. O construtor de enredos é um corpo que funciona como multiplicidade e passagem entre corpos tão conhecidos quanto estranhos; um corpo-caminho de idas e voltas: no lugar de passar por todos os

lados, este corpo torna-se, ele mesmo uma passagem para outros corpos e para muitas histórias. Nesse caso, os enredos narrados são capazes de “abrir os corpos”, transformando-os em elos de ligação entre os diferentes corpos do mundo (SANT’ANNA, 2003).

Trazemos histórias de pedra que foi pinçada através das passagens pela cidade, pelas histórias narrada, etc. Passamos pela cidade, com tal velocidade, que as vezes nem nos atentamos às coisas que resistem, como a pedra e a flor no canto dela. E em meio a essa correria, buscamos pedaços de vida que pulsam dentro do baú.

“É no conjunto dessas frentes emaranhadas e heterogêneas que, parece-me deverão articular-se as novas práticas ecológicas, cujo objetivo será o de tornar processualmente ativas singularidades isoladas, recalçadas” (GUATTARI, 2005, p. 34). Nesse caso, em escrita, em ritornelos para suspender, emergir a diferença. E favorecer encontros que fazem ser sensível a força da natureza, como quando a pedra toma corpo, e conversaram, cachoeira, pedra, e ser e historia. Evocando seres. Inventando um ser poroso. Aprender corpóreo, existir além de mediatização.

*Num lugarejo, há 127 km da capital, com inúmeras lagoas,
e em um tempo passado,
alguns meninos faziam o tempo passar brincando na lagoa.
Um desses jogos era: pular na lagoa,
adentrar no mais profundo,
procurar debaixo d’água a pedra maior e trazê-la para a superfície.
Era esse o jogo, trazer o que estava no fundo para o raso, para a vista.*

E o que não está à vista? Ainda está lá, interferem, pululam no agora. Realidade, como se virtuais estivessem o tempo inteiro engendrando com o atual. Segundo Barembliitt (2010, p. 49), “a substância da realidade é a produção pela atualização de seu virtual na realidade de devires/acontecimentos: eventos.” E ao buscar no fundo da água a pedra, pode nos fazer atentar para esses a-significantes que perpassam o agora. Acontecimento de um tempo, se atualizando no momento em que ele contou sua história, no momento em que ao me deparar com água e pedras

da cachoeira, sua história compõe com esse real, a repito, e fulgura em sensações que ressoam até agora enquanto escrevo.

Cito Deleuze (2006, p. 22) quando, ao escrever o texto “Causas e razões das ilhas desertas”, diz que “não basta que tudo comece, é preciso que tudo se repita, uma vez encerrado o ciclo das combinações possíveis. O segundo momento não é aquele que sucede o primeiro, mas é o reaparecimento do primeiro quando se encerrou o ciclo dos outros momentos. A segunda origem é mais essencial que a primeira, porque ela nos dá a lei da série, da repetição, da qual a primeira origem somente nos dava os momentos... é a primeira criação tomada numa recriação... aí se encontra um ovo cósmico”.

Não no sentido de categorizar, mas de trazer uma animação, que não é fechada nela mesma, imagino que o primeiro momento foi o encontro do Billy com a pedra há mais de vinte anos, e isso ficou ressoando em sua vida, reaparecendo nessas narrativas, e aí possibilitando novos engendramentos, re-criações, re-produções, tendo caráter de um ovo, indiferenciado, mas a se diferenciar e metamorfosear até em corpo e homem de pedra.

“O mais diferenciado e o mais indiferenciado coexistem no mesmo caos que, com velocidade infinita, joga seus registros virtuais uns contra os outros e com os outros” (GUATTARI, 1992, p. 67).

Ovo, ilha, diferenciação que ocorre a partir da divisão das células e repetição de algumas características, meiose, mitose, cria-se um novo corpo. O molar e o molecular estão no mesmo plano, coexistem, em desconstrução e reconstrução, não é preciso esperar mudança, ou transformação que se encontraria talvez num porvir, com um discurso idealista, mas de perceber que tudo está em disposição agora, se configurando, como reações atômicas que suporta catalisadores. Por isso, sugerimos por uma apropriação sensível dos movimentos que estão se colocando.

Jogar com a gravidade, segurar a respiração, romper, carregando o peso da pedra maior. Levar à superfície a massa do corpo + massa da pedra + força da gravidade. Neste exercício acentuamos a imersão, e as consequentes forças que agem em nós e que agimos sobre.

Resistências em conjunto.

Não é somente um corpo que resiste ao externo. As coisas já resistem por estarem nesta imersão. Sua narrativa também resiste, parecia ter vida. Queria acentuar essa vida falando várias vezes que nada muito bem. Destacamos o muito.

Assim, quando traz a potência de nadar, percebe-se que nem a gravidade consegue ter o mesmo peso sobre as coisas. Inclusive o acidente e o fato de não ter uma perna como nadadeira. Muda o estatuto do peso. E nos perguntamos até que ponto o acidente não perde o peso quando narrado a partir de potência.

OS QUATRO ELEMENTOS

Artaud (2006) ao falar do teatro de Bali, diz que suas consequências vibratórias não são tiradas num único plano, mas em todos os planos do espírito ao mesmo tempo.

Aparecem nesta pesquisa os elementos, pois estão em todos os planos também. Porque já estavam, e criam mundos. O ar, fogo, terra e água. O que fazem florescer? Mundos e memórias.

Mas as memórias são permeadas de encantos, de temores, de vibrações que fazem sentir o corpo quando remontadas noutra contexto. Vão além da letra, da palavra, ou da busca de dar algum significado ao que foi surgindo no decorrer da pesquisa. Mas essas memórias, por estarem atravessadas faz rizoma, e abala, provoca, incita entonações, desenhos, palavras e pensamentos voam. Retirando toda a autoridade de uma coisa ou de outra, todavia criando um campo de possíveis.

Trata-se de entrar em processos de re-singularização. Trata-se de construir não apenas no real, mas também no possível, em função das bifurcações que ele pode incitar; construir dando chances às mutações virtuais que levarão as gerações a sentir e pensar diferente [...]. O ideal seria modificar a programação dos espaços construídos [...].” (GUATTARI, 1992)

Para modificar a programação dos espaços, corporificar a cidade é uma pista, pois sendo corpo sentido, quando o vento passa, faz arrepiar, noutra hora o vento faz é refrescar. A cidade é feita de elementos.

Uma imagem que me vem: postergar em escrever. Enquanto não há palavras fixas, ficam imersas no ar ou na água de nós, como se fosse uma bola, que vai e bate, e a cor desta abala a cor da outra, que continua a andar e a bater em outras coisas, sem parar, o tempo inteiro, nesse movimento de colorações. Parecendo até dançar, as cores, as bolas, o tempo, e seu rastro.

Todavia, enquanto escrevo, tenho vontade de estar neste lugar, escrevendo, como se pudesse fazer um paralelo desse mundo que vivo, o que tem dentro de mim, ou seja, canais que deixam entrar esse canto do pássaro, do galo, o tempo chuvoso, a pesquisa, a vida de Billy, motociclistas, e o teatro de Artaud.

Se referindo ao teatro, Artaud diz que essa multiplicidade de aspectos que podemos considerar possuem poder de abalar e de encantar. Participa da poesia intensa da natureza e conserva suas relações mágicas com todos os graus objetivos do magnetismo universal (ARTAUD, 2006).

Para realizar este encontro, nos reunimos, e pensamos como poderia ser a partir das pistas que tinham sido deixadas do segundo encontro. Inventamos, montamos esquemas, estrategiamos o que poderia servir de ponto chave para estopim de conversas.

Um tempo se passou, e o dia de fazer a entrevista não estava coincidindo. Entre espaços e conversas aleatórias pelo facebook, enfim, agendado. Mas depois de tanto tempo, seguir com o que tinha sido imaginado logo após, parecia não caber. Outras coisas queriam entrar. Isso porque há um corpo do pesquisador que opera agenciamentos na cidade, universidade, intervenção em aulas e, por isso, outros elementos pedem passagem. Por que não aprender com Artaud e abrir caminho e engendrar esses elementos e suas relações na pesquisa percebendo a força de propulsão?

Para falar como esses elementos foram se inserindo, lembro-me de alguns episódios, todavia, há aqueles que não estão no campo da linguagem. A partir das conversas com Billy, ao escutá-las, me coloquei a atentar mais às coisas por onde passava, no início, bem no início, era o asfalto, as pistas, motocicletas, seus balanços, depois, atento-meem outras coisas, pedras, árvores, água. Além disso, para uma intervenção num grupo misto de estudantes do 3º e 6º período de graduação em psicologia, junto com Thiago de Sousa Freitas Lima, do grupo Rizoma: Saúde Coletiva e Instituições, inventamos os movimentos desta experimentação na rua, em uma arquitetura de espera, e os elementos novamente se inserem, naturalmente e sem forçar – terra, fogo, ar, água-, e em ato, inventando um corpo montanha, corpo fogueira, corpo ventania, corpo onda.

Uma feitura conosco e com a cidade. Percurso.

Podem aparecer mexidas.

Vindas das palavras de livros

Palavra solta

Corpo aberto

*Pode surgir sorriso
Aprendizagem corpórea
Um propor sem amarras
Pode surgir...
Pode vir o que tem força no querer.*

Dessa maneira, os elementos participam do desenrolar dessa pesquisa. E como se estivéssemos ligados antes do encontro, sem saber da proposta, as coisas que Billy ia me contando se enredava com os elementos, totalmente.

Este capítulo dá conta da narrativa de todo o nosso último encontro, pois as falas de Billy nos transportam para outro tempo. O que quero dizer que o que ele fala já é uma produção de mundo e nos leva para outros lugares, outros campos, mundo paralelo, seres de outra dimensão - claro, tudo em história contada. A produção conjunta foi o desenrolar dessas histórias. Sem saber direito o que colocar em cada pedaço, porque já acho que cada história dele é o que tem de ter e só, pelo menos por enquanto. Ouço Manoel de Barros, o poeta que cultivava ócio e aí repito, repito, repito a leitura em cada pedaço, pra ver se sai algumas palavras, sensações, etc. As coisas que saíam não tinham muita presteza. Mas aprendi com Manoel que o que não tem presteza serve pra poesia. Mas não estou fazendo poesia. Só emendo palavras.

Além de falar sobre a água, o ar, o fogo e a terra, a proposta é senti-los e dar vazão à sua expressão.

Procuramos um lugar, sentamos no ressalto da varanda que dá para cozinha da casa de Billy, riscamos um fósforo e colocamos na folha dobrada de chamex. O fogo pegando bem devagar, quase nem se via que era fogo. Só a brasa deixa a marca, desenhando no papel relevo de paisagem montanhosa que o faz lembrar de um lugar por onde passou há muito tempo.

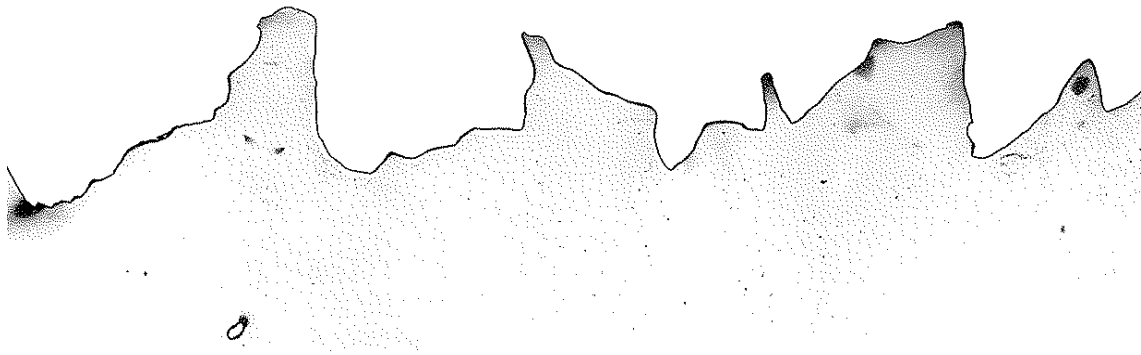


Figura 5. Montanha queimada

Comum palito de fósforo queimado, faço uns riscos.

“- O que é isso? Uma pomba?

- Uns rabiscos, um desenho.

Silêncio.

É massa acender fogão à lenha. Já acendeu? Me perguntou Billy e a seguir, usando o palito de fósforo queimado, desenha.



Figura 6. Muleta queimada

- Minha ‘muletinha’.

Silêncio.

- Me acostumei com minha ‘muletinha’. Todo mundo fica querendo que eu coloque a perna, a perna. Eu acostumei com ela. Aí eu fico com ela. É companheira de vida.

Usava pra várias coisas. Na verdade, na infância usava pra me defender. Eu era meio 'atiradinho'. Eu jogava bola. Só que como não aceitavam muito que eu jogava, mais os ruim de bola que não aceitavam, aí já vinham pra bater. E aí qualquer pé que se chutar com força, vai cair. Aí me dava raiva. Eles tinham que correr, tinham que correr. Às vezes, eu voltava com a muleta quebrada, de tanta batida. Um tempo bom”.

Inventar utilidades para os objetos. Deixar que tenham um querer a mais.

“- Pisar na brasa. A brasa entrar no pé.”

Embrasar o pé. Tomar e envolver o pé com a carcaça do fogo, só o que sobra do fogo. O que sobra ainda arde, chega queimar.

A brasa, o fogo, o pé. Chega queimar.

Na procura pela caneta do outro encontro.

“- Minha filhadeseinha eu com dois pé ainda, já falei pra ela.

(Risos).”

Algumas palavras que vieram com fogo:

FELICIDADE. “- O tempo de quando eu era bem feliz. Quando não tinha preocupação com nada. Agora a gente tem que andar com o cartão de crédito, pagar luz, telefone.”

SIMPLES. “- E ao mesmo tempo complexo. Que é o fogo e por si só já vai queimando, e com ele movimenta o mundo.”

INFÂNCIA.FOGÃO À LENHA. “- Eu era meio Pedrinho, vivia no mato, fazia armadilha, pegava peria, era bichim do mato. Acendia o fogão à lenha e ia preparar, depois servia pra todo mundo.HISTÓRIAS. Veio a partir do fogo várias histórias. Essas que foram contadas aqui.”

Silêncio.

Para chamar o elemento seguinte a participar da conversa, Billy propôs– agora o próximo:”- é água? Como que vai fazer? Podia estar com chuva. Tenho uma ideia. Lavar o rosto.

- Então tá.

- Sério mesmo? Quer lavar aqui na pia ou ali?

- Todo mundo ficava com medo quando eu chegava perto do rio. Ou perto do rio, ou perto do poço. Ficavam com medo de escorregar, cair, e morrer. De pouquinho em pouquinho eu ia norazinho. Queria muito pular na represa. Um tio me perguntava: ‘- sabe nadar? Pula, aí, então’. Aí comecei nadando cachorrinho, *tuctuctuc*, depois fui só melhorando. Ficava o dia inteiro”, falou Billy.

Sabe nadaR? Pula, então. SabeR nada? Pula então. Posso só mudar o R de lugar. Faço o ser nadante que sabe nada e pula, então.

“- Tudo quanto é lugar que tinha água, eu queria ir.”

Contar histórias da vida e dos quatro elementos, “trata-se de entender como a história é não apenas uma atividade ilustrativa, uma investigação, mas uma tentativa de reconstruir os grandes momentos de imprevisto, os grandes momentos de acaso que transformaram o curso das coisas para, a partir desses ensinamentos, produzir estratégias que permitam propiciar transformações novamente (BAREMBLITT, 2012)”.

- DESAFIO. “- As pessoas acham medo em dar o pulo. E depois do pulo, me senti melhor. Em que a gente nunca vai conseguir alguma coisa, porque perdeu. Então, foi um desafio, coragem de dar aquele pulo. E depois daquilo, eu me senti melhor. Viu, pulei. Aí o pessoal viu que eu estava lá e se acostumaram. Depois eu mergulhava muito bem. Mergulhava nas lagoa de Linhares de uma ponta a outra, nadando. Se tem uma coisa que eu sei fazer muito bem é nadar. Agora em praia eu não sou muito bom não. Porque tem aquelas ondas, e eu com uma perninha só, perco o equilíbrio. Não sei se é porque eu não vou muito, mas eu não sou muito bom não. Não gosto. Sabe o que é pior pra mim? Tem muita gente. Eu não gosto de muita gente me olhando, aguento não.

A represa, o medo da morte, do pulo, da onda eu até aguento. Mas que olhar é esse que não dá pra aguentar. Deve pesar de toneladas. Nunca o segurei, mas pelo esforço, aparenta ser de muito peso.

Eu gosto de água calma, Rio. Nem sente que está naquela água. Você se apaixona por aquela água. Você não se preocupa se ela vai te levar. Ela tem uma correnteza, ela não é parada, mas você não se preocupa. É um lugar tranquilo, uma tranquilidade muito boa.”

Se apaixonar pela água é uma arte. É um pulo sem precisar da razão.

“Produzir novos infinitos a partir de um mergulho na finitude sensível, infinitos não apenas carregados de virtualidade, mas também de potencialidades atualizáveis em situação, se demarcando ou contornando os Universais repertoriados pelas artes, pela filosofia: todas as coisas que implicam a promoção permanente de outros agenciamentos enunciativos, outros recursos semióticos, uma alteridade, apreendida em sua posição de emergência, devires intensivos e processuais, um novo amor pelo desconhecido. [...] Uma heterogênese de sistemas de valorização e de uma eclosão de novas práticas sociais, artísticas, analíticas (GUATTARI, 1992 p. 147)”.

Um mergulho na fabulação.

“Assim que a mão toma parte da fabulação, assim que as energias reais estão envolvidas numa obra, assim que a imaginação atualiza suas imagens, o centro do ser perde sua substância de infelicidade. A imagem é sempre uma excitação do ser. Imagem e excitação estão ligadas”(BACHELARD, 2001, p. 17).

“- Esse caso meu, eu dei sorte. Mas se eu não conseguisse, eu ia morrer. Então a gente acaba se arriscando num lugar que é mais fundo, e acaba... não dá, porque se a pessoa não consegue, pode morrer. Mas eu aprendi. Pulei e aprendi.”

Tirar o medo da morte pra se jogar. E aprender pulando.

AVENTURA. “- Cada coisa que eu tive, que você nem imagina, coisa de filme. Eu vivia pescando. Igual euto te falando, eu ficava no mato. Até os 15 anos, eu ficava. Fazia estilingue e arranjava isca. Metade de casca de coco pra colocar as iscas. Pegava um peixe. Pega por baixo da boca dele, e faz assim e deixa um monte de

peixe pendurado e fica pescando. Então eu via muita coisa. Muita gente queria pegar uma cobra. Só dava pra ver a casca dela. Era enorme. Todo mundo queria, mas tinha medo. Aí tinha acabado de passar pelo arame. Vi uma árvore no meio do chão. Quando eu fui ver, a árvore tava movimentando, e eu não enxergava muito bem, porque eu não enxergo muito bem. Será que é o calor que tá fazendo isso? Aí, quando eu fui ver, só levantou com tudo. Vup. Ela pegou e foi rapidão assim, ó, vvvvvvvv. Aí, ela passou por baixo do arame. Você acredita que ela quebrou duas farpas de arame quando ela passou? Eu se der um chute, não quebra. Ela nadou, foi pela água. Vvvvvvvvvv... nossa, eu fiquei só olhando. Aí eu contei pra minha tia que disse: “não vai pra lá não”. É ruim, agora que eu vou, quero ver ela de novo. Aí eu ia todo dia, ficava olhando, pra ver se via ela.”

Componentes da água, da terra se misturam. Os elementos se misturam. Assim como a cobra fez, passa pela terra, pela árvore, pela água, e está na vontade de ver. Passa por um e por outro, naturalmente. De frente com o imprevisto.

O imprevisível – uma força que tende a criar o novo, restauradora de estados antigos. É pré-pessoal, pré-social e pré-cultural, objeto de um saber que toma elementos de todos os saberes existentes; trata-se de matérias não formadas e energias não vetorizadas que são capazes de gerar transformação (BAREMBLITT, 2012).

A árvore se fez cobra. Passou pelo meu olho. Rápido. Seria magia? Não ter um olho muito bom às vezes serve pra ver essas transformações que ninguém vê.

“- Teve uma vez que fui pescar numa lagoa muito longe. Que tinha só tilápia. Com precisão de andar muito pra chegar. O pessoal gostava de pescar com tarrafa, rede. Mas gostava de ir com o anzol, sentir o peixe vindo no anzol. A gente não queria pescar pra comer. A gente queria pescar pra pescar. Só que pra chegar junto com o cachorro, um atalho. Os cachorros trouxeram os boi. Umas cem cabeça de boi vinha andando a terra tremia assim, ó. Aí, a gente viu aquele monte de boi, saiu correndo, largou tudo, larguei isca, larguei anzol tudo e subi em cima da árvore. A gente ficou umas quatro horas em cima daquela árvore. A gente veio voltar mais de seis horas, já era noite. Pensa, tudo mata, já tava escuro, que se a gente descesse ali, os boi ia matar a gente. Mesmo eles não querendo, ia matar atropelado. Foi divertido... lembrar agora, mas na hora, não. Foi surpresa. A gente foi pra um lugar, achava que

tava tranquilo, mas não, eles vieram e deram a volta, e passaram por trás da gente. E a gente achou só a árvore. E não saíam de perto da gente. A gente começava a jogar troço, galho, e nada deles saírem. Os cachorros ainda ficavam lá atraindo os bichos. Só depois que foram embora. Aí, a gente foi embora também. FORÇA.”

A força da natureza, a força da água, da cachoeira, a força desses bichos.

A matéria nos revela as nossas forças. Sugere uma colocação de nossas forças em categorias dinâmicas. Dá não só uma substância duradoura à nossa vontade, mas também esquemas temporais bem definidos à nossa paciência. A matéria recebe de nossos sonhos todo um futuro de trabalho. Queremos vencê-lo trabalhando. Sonhar imagens materiais é tonificar vontades. (BACHELARD, 2001)

“- Um sonho: torneio de queda de braço. E apostado.”

PESCA. “- Depois que eu aprendi a tomar banho no rio, eu chamava a menina pra ir. As pessoas mudam. A gente é tão bonitinho, depois que cresce, fica tão diferente, fica quadrada.

- Gostava de tomar um banho de chuva. Repito: Tudo quanto é lugar que tinha água, eu queria ir.”

- TERRA. “- Quase tudo foi depois do acidente. A maioria das coisas que eu lembro é depois do acidente. Eu aprendi muita coisa depois.

Eu só não consegui andar na maldita bicicleta. Tocar boi. Eu tinha coragem de tocar boi, em cima do cavalo. Hoje eu não tenho coragem não. Agora tenho muito medo de boi. Eu ia dormir na casa da minha avó e, pra casa da minha tia, tinha que andar um pouquinho. E nesse caminho tinha boi. Aí, eu pedia alguém pra levar. Uns molequinho desse tamãezinho me levava.”

Tocar boi, tocar pandeiro, tocar e ser tocado. Uma questão de coragem. Deixamos os “molequinho” nos levar?

“- Você já viu assombração? Eu já vi. Não sei se é porque é interior e a gente vê as coisas, e mexe com a cabeça da gente. Mas aquilo lá foi real. Quando não tinha boi, eu não tinha medo do escuro, não. Três coisas que eu tenho medo: cachorro, boi, aranha. Ela é muito traiçoeira. Ela pica assim, prrr!! E tinha muita. Eu ficava a noite

toda acordado, ficava só olhando. Já pensou se cai em cima de você? Mata! Então, quando não tinha boi, eu passava a noite e ia pra casa da minha tia dormir. Aí acabou que, era umas dez horas, eu tava subindo o morrinho assim, eu ouvi um barulho. Parecia um cavalo, mas não era. Ele tinha duas pernas. Era um troço grande, o braço fazia assim. Ele veio correndo na minha direção, eu sai correndo, com minhas muletinhas assim. Ele veio pertinho de mim. Ele só correu, eu vi o vulto, e ele chegou bem perto de mim. Eu tinha onze anos.

Terra, aqui não tem espaço de terra. Só cimento. Terra. Não dá muito pra sentir ela. Eu gostava muito de subir nas árvores. Sempre que alguém queria manga, ia lá me pedir pra arrancar. Eu ia lá nas pontas, uma luta pra chegar nas pontas. Aí eu balancei. Quando eu balancei, uma caixa de marimbondo, veio tudo em cima de mim. Aí nunca desci de um pé de manga tão rápido como eu desci desse.

Já andou de canoa no rio doce? Eu fui uma vez, aí no caminho eles vão contando várias histórias. Caboclo d'água. É tipo um bicho, que parece homem, que vira a canoa, aí o homem disse: 'não, eu já cortei a mão dele'. Aí eu achava que era zoação, mas aí passou uma reportagem. Eu fui na canoa. Era perto de uma plantação de cacau. Que a gente ficava pisando, descalço, no negócio que a gente vai comer depois. Até hoje eu fico meio assim de comer chocolate."

Falando em pé que encosta no cacau, a panela de barro também é feita com pé. Nasce o pé de cacau

"- Uma curiosidade, a panela é de barro, mas ela pode ser preparada no fogão? Posso fazer arroz? Pode molhar? Ó, a pergunta, se pode molhar. (Risadas). Ó, tem muita coisa que a gente come que bate no pé. O sal, a panela, o chocolate. Uma senhorinha: 'eu, a minha vida é ficar aqui fazendo panela. Eu gosto de vir pra cá, e ficar o dia inteiro, eu encontro as pessoas.'

A nossa vida com pé no chão. Chamo os seres do chão, os do ar e os do mar. Encontro as pessoas, encontro os seres. Enriqueço-me em seres.

Há encontro de tristeza também.

Essa música que eu fiz, ela é muito triste:

'Eu sei que estou prestes a morrer,

*mas tenho que te dizer: me esqueça,
me tira da cabeça, isso é por que eu te amo.
Segue seus sonhos e planos.
Não chore pelos cantos.
Na dor mais forte, aguenta.
Nunca, nunca se renda.
Eu nunca vou te esquecer, sempre vou estar por perto.
Serei a luz no escuro te levando pro caminho certo
Se não sabe, aprenda,
a vida continua,
para quem foi, não volta.
Não segue a mesma rota [...]’ (composição de BILLY)*

“- Calma, tá muito palha assim. Vou colocar ela no som pra você ouvir.”

Ao não achar o que queremos, podemos colocar outras coisas no vazio. Assim, cantou e mostrou outras músicas de sua autoria.

Nesse dia, quando eu voltava da casa do Billy, na minha frente, bem na frente, havia uma "cambaleante. Uma perninha estava quebrada. Andou, manca, tictac, tic, tac. Depois voou.

VENTO. Vvvvvvvvvvvvvvvvv.

“- Liberdade. Sem mais palavras.”

E hoje, intenso, fabulação, histórias, reais, virtuais, até assombração apareceu no prosear. E um tanto de palavras. E cada uma puxava uma coisa. Um rizoma para uma pesquisadora que durante dois anos vivenciou outras vivências e sensações no Grupo de Estudo Rizoma.

Os olhos de Billy lacrimejavam. Disse que não gosta de lembrar do acidente. Traz recordações tristes. E percebeu que a maioria das lembranças felizes dele não estão em Cariacica, lugar de sua atual moradia. Estão mais na roça, em Linhares.

E em um vai e vem, a música volta. Ele canta, dando potência ao seu cantar concomitante ao gravado no computador. E faz uma nova gravação dessa composição de sua autoria.

HORA DE FECHAR A JANELA

Quais linhas surgem quando se coloca a pensar sobre um acontecimento que se repete?

Há momentos em que quer parecer, para alguns, invisível. Quando não quer que os vizinhos ouçam a entrevista, é só fechar a porta. Se não quer que as pessoas da rua vejam a conversa ou a gravação, é só fazer em casa. Para que isso não se torne público. Ganha-se uma segurança nisso?

Parece querer deixar entre paredes certas coisas da vida.

Há algum bem querer em particularizar a vida?

UMA PERNA DE MADEIRA E DE CARNE, UMA DE OSSO E DE CARNE. UMA MÓVEL E OUTRA FINCADA NA TERRA.

Quando o braço deixa de ser braço, para compor um “tripé humano”.

A história do tripé.

Quero deixar claro que talvez não seja nem tripé, mas engendramento de todas as estruturas e fluxos possíveis que sirva de movimento para o acontecimento. Pura passagem de homem, árvore, força, passado, futuro, presente, desejo. Articulação de incontáveis formas em outro tempo. Desconstrução de um corpo, que ao se achar “menor” inventa outras maneiras de ser, de cavalgar, de trepar em árvores, etc. Um corpo, que ao duvidar do próprio corpo, o põe em experimento e ousa trepar num coqueiro.

Acompanhando esse exercício de subir no coqueiro e o que isso faz transportar, imagina-se que contribui para a ecosofia, articulação ética e política entre os três registros ecológicos – o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade. Isso, porque, relançar no espaço um corpo atingido pelas máquinas e motores, fazendo esse jogo sem tantos fins utilitaristas, vai desenvolvendo seres seus que se entrelaçam no espaço e no tempo permitindo aprendizados e sugerindo que nos entrelacemos no tempo e no espaço também, produção de subjetividade.

“A ecosofia social consistirá, portanto, em devolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc. [...] reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções “comunicacionais” mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade. Nesse domínio, não nos ateríamos às recomendações gerais mas faríamos funcionar práticas efetivas de experimentação tanto nos níveis microsociais quanto em escalas institucionais maiores.” (GUATTARI, 2005)

Não se trata de apenas contar sobre como que foi subir no coqueiro, mas de deixar fazer, quando a história se faz contar. Assim, Billy tem nas suas mãos uma pinça, alcança um fragmento de vida e o leva até a “boca” do baú para nos fazer saber a respeito da habilidade de subir em coqueiros. Era uma competição de meninos?

Brincadeira de criança? Desafio? É o que quiser que seja e der movimento para que seja enquanto for, enquanto a pinça puxar, enquanto a pinça passar pra mãos de outros e ir puxando coisas que estão amarradas nesta linha, até arrastando as que estão soltas.

“Quando nos dizem que o *hominem* tira da terra suas patas anteriores, e que a mão é antes locomotora, depois preensiva, são limiares ou quanta de desterritorialização, mas, a cada vez, com reterritorialização complementar: a mão locomotora como pata desterritorializada se reterritorializa sobre os ramos dos quais se serve para passar de árvore em árvore; a mão preensiva como locomoção desterritorializada se reterritorializa sobre elementos arrancados, emprestados, chamados ferramentas, que ela vai propulsar” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 155).

Fazia artemanha. Fazia dos braços direito-esquerdo perna esquerda-coqueiro uma máquina de subir em coqueiros, e como subia. Até onde não tinha mais para onde subir. Disse que era muito rápido e fazia com tal habilidade, o que um “sujeitinho com dois membros inferiores e dois superiores” não fazia. Acho que assim, cria-se uma geometria diferente ao subir. Divide a gravidade ao fazer remanejamento do espaço e do corpo desterritorializado. Remanejamento do modo de ser?

Remanejamo-nos ao viver, incessantemente.

Sobre isso, Guattari (1992, p. 119), diz assim:

“Não é um objeto ‘dado’ em coordenadas extrínsecas, mas um Agenciamento de subjetivação dando sentido e valor a Territórios existenciais determinados. Esse agenciamento deve trabalhar para viver, ataliza-se a partir das singularidades que o atingem. Tudo isso implica a ideia de uma necessária prática criativa. São novas maneiras de ser do ser que criam os ritmos, as formas, as cores, as intensidades da dança. Nada está pronto”.

Imagina-se seres simbióticos. Ao passo que ele sobe no coqueiro e o coqueiro o faz subir, deixando os dois serem mais os dois e serem menos os dois. Agregando e desagregando. Para fazer entender esta imagem: os dois juntos poderiam estar se subindo. Não é um que serve para o outro. Talvez eles se queiram mutuamente para ser mais menino, para ser mais coqueiro, e ao mesmo tempo, para deixar de ser menino e coqueiro. Pois neste pedaço de tempo em que o “menino sobe” não é só menino que está lá. É o coqueiro, a lagarta, o menino, os gritos, a energia, suor, tudo isso circulando nessa engrenagem, que não vem de dentro, nem de fora, mas está entre. Na disposição, topar o desafio que não estava posto, mas que surge só

no encontro. No olho que vê possibilidades, há essas criações mutantes. Deixar ter consistência essas criações mutantes pode ser, também, remanejamento de modos de ser.

Será tão triste e perigoso não mais suportar os olhos para ver, os pulmões para respirar, a boca para engolir, a língua para falar, o cérebro para pensar, o ânus e as pernas? Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sinus, ver com a pele, respirar com o ventre. O Corpo sem Órgãos é o campo de imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo, ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria preenchê-lo oco, prazer que viria preenchê-lo (DELEUZE; GUATTARI, 1995c).

Quando uma associação simbiótica ocorre, não há um ser que é mais que o outro. Assim, ficando no mesmo estrato, sem “alturas de importância”, todavia, em permissividade de passagem e abertura em que lagarta, homem, árvore, entre outros, habitam o mesmo espaço e um contribui para a existência do outro.

Essas novas maneiras de ser do ser, faz tocar, faz puxar o olhar, e fazer do presente um acontecimento de valor artístico. E assim é, transmuta, vai como em telefone sem fio, que não carrega a fala primeiro, mas é distorcida, modificada de pessoa a pessoa, despersonalizando, tirando a autoridade da fala. Ilustrando: de um evento que ocorreu, outros acontecimentos vieram pelo vento, da árvore, depois sua história contada, depois a vista do menino que arranca jaca, depois a subida na árvore do parque. Passando de um para o outro. As árvores: estavam lá – Destaque – Detalhe – Produção do ser. Remanejamento do ser.

Um rapaz em cima da árvore a arrancar jaca no Centro de Ciências da Saúde, no campus de Maruípe.

Me pega de assalto nestes estudos acadêmicos. E como um *punctum*, de Roland Barthes em a câmara clara, isso distrai. Ou atrai. Percepção em lugares iguais um mundo de relações que se dão a existir. A forma homem-natureza, homem-animal, o destaque da jaca, as conversas gritadas para se fazer ouvido, oferecendo jaca para os que passavam naquele pedaço de caminho. Uma potência. Assim como a

resistência do chuveiro faz água descer quente, o menino da jaca faz Campus de Maruípe ser meio “coisa de interior”.

Deslocamentos que fazemos sem nos delongarmos em quilômetros de distância.

O gesto

Escorre silenciosamente,

Faz da muleta coqueiro.

Transporta a sala para por aí.

A subida escorre, se infiltra.

Provoca uma paixão por árvores,

Mas sem destinatário imediato.

Há um gosto pelas árvores. Deve ser isso que não consegue se captar o que é que puxa. Uma linha que puxa, emenda um ser no outro. Duvido do corpo ao subir. Estico. E enquanto ele tira a jaca, as pessoas param, andam mais devagar, “quer uma?” e ganham jaca. Contemplação. A gente se faz macaco, o pé ganha garra, o braço uma força, e depois um monte de arranhão marcado pela pele áspera do tronco.

Assim, andando, de relance no Parque Moscoso, me deparei com um balanço acabando de ser colocado numa árvore, espera. Espera que pode balançar. Entra no balanço, embala. Do balanço, o movimento ganha a árvore e arranhão do tronco. Mesmo que marque a pele, é pura transmissão de energia. Que marque tantas vezes quanto for.

Devaneio. Imagina se o mundo, o que podemos encostar fossem tudo pele. Descobriríamos infinitas texturas de pele. Inventaríamos encontros coisais, pessoais, naturais e as possibilidades seriam infindas de experimentar o mundo.

Guattari (1992), nos diz que os meios de mudar a vida e de criar novo estilo de atividade, de valores sociais estão ao alcance das mãos [...]. É verdadeiramente necessário que um trabalho coletivo de ecologia social e de ecologia mental seja realizado em grande escala. [...] A condição para tais mudanças reside na tomada de consciência de que é possível e necessário mudar o estado de coisas atual e de que isso é de grande urgência. É apenas um clima de liberdade e de emulação que

poderão ser experimentadas as vias novas do habitat e não através de leis circulares tecnocráticas.

Jorge Amado (1982), nos conta assim:

“O mundo só vai prestar
Para nele se viver
No dia em que a gente ver
Um gato maltês casar
Com uma alegre andorinha
Saindo os dois a voar
O noivo e sua noivinha
Dom Gato e Dona Andorinha.”

“Uma ordem objetiva ‘mutante’ pode nascer do caos atual de nossas cidades e também uma nova poesia, uma nova arte de viver.” (GUATTARI, 1992, p. 175).

QUANDO AS PERNAS NOS DEIXA SEM MÃOS

Às vezes, estar vivo requer um corpo treinado que suporte muito. Quando as pernas nos deixa sem mãos e ainda não se descobriu um jeito de “subir no coqueiro” assim, ou de carregar sacolas, ou de segurar guarda-chuvas? Então, me diz que odeia dias de chuva.

E quando as pernas nos deixa sem mãos.

De tanto correr, corro.

De tanto sentir, sinto.

Sinto muito, nem de tudo eu gosto.

Spinoza disserta sobre a potência de agir que aumenta ou diminui: quando a relação do corpo que me modifica que atua sobre mim se combina com a relação característica do meu próprio corpo, diz-se que a potência de agir está aumentada. Quando ao contrário, a relação característica do corpo que me modifica compromete ou destrói uma das relações deste corpo modificado, diz-se que a potência de agir deste é diminuída ou mesmo destruída (DELEUZE, 2009).

Em um momento, Billy retira do baú algo que dá alegria, e em outro momento, quando ainda não descobriu uma maneira de ser do ser que se processualiza segundo as gotas que o atingem e não inventa, a partir disso, singularidades inusitadas, carrega consigo o sentimento nomeado de ódio e assim nos fala: “odeio dias de chuva”. Por isso, muitas vezes não “coloca os pés para fora de casa” em dias de chuva.

Perna que corre, o nosso corre-corre, vida rápida que vaza dos dedos, e deixa de sentir algumas coisas, deixa de processar fatos da vida, entra numa mecânica bruta.

Quer fazer tudo rápido. Pra não ter que parar e explicar para alguém a causa de não ter uma perna, ou pra afirmar que ele pode sim fazer as coisas carregando a muleta. Então corre. Corre. Pé-toc. Pé-toc. Passa depressa. Voraz. Para não dar tempo de. Mas olha, a gente é marcado pelo toque, toc-ploc. Talvez provoque dor. A moto

passa, corre. Lá no final da rua, motocross, acrobacia. Lá no centro, plac. No pé, toc-ploc.

Tentando elencar o que penso sobre o acidente e sobre o livro “História da sexualidade I: a vontade de saber” de Michael Foucault, alguns pensamentos. Antes de iniciar a pesquisa, imaginava que encontraria pessoas acidentadas decorrente de trabalho com motocicleta, de acordo com estudos que abordam essa temática, em que muitos dos acidentes motociclísticos ocorrem no decorrer do horário de trabalho. Mas, o nosso foi diferente, bem diferente. Talvez para que pudessem aparecer outras entradas, que fugiam da imaginação, da pressuposição, e nos pegar de surpresa, de supetão. Ele sofreu o acidente quando tinha ainda oito anos, o tio pilotava a motocicleta, e ele estava no carona. Há 22 anos, vem aprendendo a viver com uma companheira que chegou, sem pedir licença, mas quando viu, que poderia ser com prótese, teve por ela, a muleta, preferência. Mas o que há nessa vida (e em tantas outras mais) que nos faz lembrar do último capítulo de a história da sexualidade de Foucault? Imagino assim: nesse mundo em que vivemos, que algumas pessoas devem sofrer para manter-se vivo, sobreviver, em que a vida deve seguir ordenações, normalizações, enquadramentos, para que possa conseguir, manter-se, persistir vivo. Trabalha, trabalha. Corre. Para andar nessa corda bamba. Mantendo o estado das coisas, como elas são. Com ele não foi assim, não foi trabalhando. Todavia, é assim, com inúmeras pessoas todos os dias. Como se pudessem ser julgados e receber olhares de canto de olho de outras pessoas, pois “colocam em risco a vida de outros”. É um desenho, desenho histórico, político, social. Já Billy, que vive nesse mundo também, onde “as coisas são como são”, acaba ouvindo com olhos uma imagem desenhada sobre as pessoas que usam muletas. Esse olhar o faz ir à balada e ver-se invisível. O faz andar na rua e sentir-se um destaque, o faz sentir-se mal por não carregar a sacola de supermercados ou por não poder segurar e dar a mão para a namorada.

Um Acidente de Trânsito

Ainda não sabem

o que há meia hora

aconteceu na estrada.

*Em seus relógios
a hora é mais ou menos
tarde, de quinta-feira, e setembro.*

*Alguém escoa o macarrão.
Alguém varre as folhas do jardim.
Crianças correm gritando ao redor da mesa.
Um gato se digna a ser afagado.
Alguém chora –
diante da televisão, como de costume,
quando o malvado Diego trai a Juanita.
Alguém bate na porta –
não é nada, só uma vizinha devolvendo a frigideira.
O telefone toca nos fundos da casa –
por ora, só o telemarketing.*

*Se alguém chegasse à janela
e olhasse o céu
poderia ver as nuvens
que vinham do lugar onde ocorreu o desastre.
Rasgadas, despedaçadas,
mas, até aí, nada de especial.*

Wisława Szymborska

*No shopping.
Não para comprar.
Enquanto no enquadramento do olhar
Ela não percebe a deficiência,
há o convite.
Mas chegando mais perto,*

*percebe carne- alumínio.
E assim, vira-se, vai embora.
Me deixa sem mãos.
Mas fico rindo,
Pelo menos me achou bonitinho.*

“O bio-poder foi o elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos (FOUCAULT, 1988, p. 132)”.

Tentando explicar um pouco do biopoder, uso palavras de Liberman, que diz: considerando a força com que a subjetividade impõe certos modos de funcionamento – que envolvem, entre vários aspectos, a relação do sujeito consigo e com seu corpo ante o outro, no âmbito individual e coletivo – o sujeito vê muitas vezes forçado a responder certas demandas com relação a sua imagem no mundo. No entanto, diz Keleman, não há sujeito “normal” ou ideal, mas experiências singulares; e cada sujeito, entremeado por todas as dimensões e com a tendência genética de autoformatar-se e criar corpo, realiza a sua existência (LIBERMAN, 2008, p. 26).

O biológico reflete-se no político; cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder – proliferação das tecnologias políticas que investem sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida, todo o espaço da existência (FOUCAULT, 1988).

Billy disse que, ao tentar se mostrar às meninas na balada, via-se invisível, pois, há uma normalização dos sexos que não poderia fugir a essa condição historicamente construída, visto que há o mando de ter que ocupar um lugar na sociedade – de um corpo ajustado, esquadrinhado, dentro do padrão, entre outros.

“Do outro ponto, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz. Insere-se, simultaneamente, nos dois registros; dá lugar a vigilâncias infinitesimais, a constantes controles, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos, a todo um micropoder sobre o corpo; mas, também dá margem a medidas maciças, a estimativas

estatísticas, a intervenções que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente (FOUCAULT, 1988).

*Hoje chove.
Há quem não goste.
Segurar guarda-chuva,
Segurar sacolas,
Segurar muletas,
Segurar na mão.
Não há tantas mãos assim.
A gente tem que segurar tanta coisa.*

“Estamos em uma sociedade da “sexualidade”: os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada”(FOUCAULT, 1988). Billy disse, também, que ao passar, as pessoas olham para ele procurando alguma dó. Como se o seu corpo não pudesse, não tivesse aptidão para ser utilizado, ou para dominar, como se tivesse que estar apto a exercer uma dominação. Suas falas denunciavam e repudiavam essa forma de olhar.

Manoel de Barros diz que as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: elas desejam ser olhadas de azul (BARROS,1994).

Riscando o caderno, olho pra mão. Azul. A folha dele branca. Não quis riscá-la, mas a caneta quis um ser. E fez cor na mão dele. Obra de tinta em mão de carne.

DISPOSITIVOS DE PASSAGEM

“Estou respirando.
Para cima e para baixo.
Para cima e para baixo.
Como é que a ostra nua respira?
Se respira, não vejo.
O que não vejo não existe?
O que mais me emociona
é que o que não vejo
contudo existe.”

(Clarice Lispector)

Moto. Carro. Bicicleta. Trem. Trilhos. Estradas. Linhas. Letras. Palavras. Caminhos –
Coisas de vida nossa.

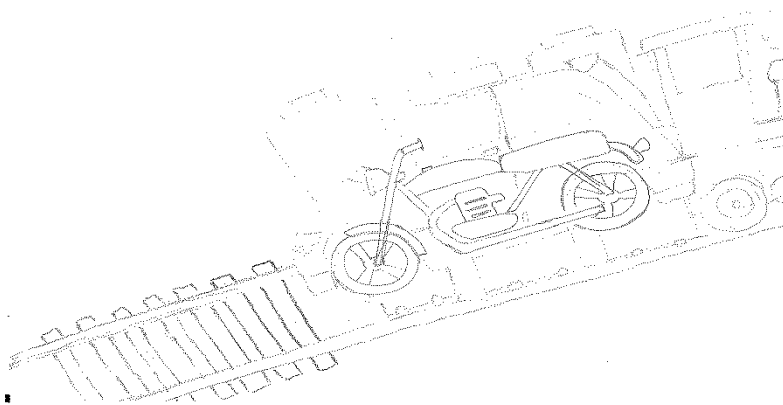


Figura 7. Motocicleta, automóvel, trem...

Nem parece motociclista. Ela, a motocicleta, nem entra na conversa. Aparece mais a música. Muito sobre os olhares. Sobre a muleta. Coisas da vida. É como se a pesquisa fosse feita com qualquer pessoa. Motociclista ou não, pedestre ou caminhoneiro. É vida, como essa nossa.

BILLY... UM MUNDO NA CABEÇA¹

“- Ó, o meu mundo, o meu mundo é...

Como que eu vou falar...

O meu mundo é cheio de medo. Cheio de dúvida, de receio, de timidez, aquele, aquela, igual quando eu falei... O meu mundo é meio triste. Quando você perde uma perna, perde um braço, você perde... Não é como se você perdesse uma pessoa. Entendeu? Quando você perde uma pessoa, você fica triste, chora, fica triste. Mas depois se recompõe. Quando você perde um membro, não é. Você não volta a sua vida normal. A sua vida muda com você. Igual quando eu passei três anos com minha ex namorada, era chato estar com ela e não poder andar de mãos dadas. Quando ela engravidou, era chato não poder levar a clarinha no colo. Então, depois disso, eu fiquei muito mal comigo, assim, de... Sempre quando eu estou com alguém, eu não gosto de passar mais de uma semana, eu não quero namorar nunca mais. Assim, eu tenho medo de, assim, namorar de novo, tenho medo disso, de alguém querer que eu segure a mão. (Risos). Pegar uma criança no colo, sei lá, eu fiquei com medo disso. Então, você sente muito medo, de fazer tanta coisa, o mundo, assim, fica diferente. Você começa a enxergar como é difícil, como é difícil mesmo.”

“Não quero nunca mais”.

“Você não volta a sua vida normal”.

“É muito difícil mesmo”.

Frases que tocam. Que saem da boca, quer alguma resposta? Uma solução, dividir o que sente?

¹Um Mundo na Cabeça é um subtítulo que retirei da obra “Autos de Fé”, do escritor Elias Canetti, ganhador do prêmio nobel de literatura, de 1981.

Às vezes, diante de algo que lhe corta a pele, lhe deixa marca, algumas coisas que se faz é recuar. Todavia, um recuo não é apenas um recuo, de dar um passo atrás e estar à espreita do que vem logo depois, sem antecipação. Este recuo - sem querer dar identidade a ele, apenas abrir vias para falar sobre-, é seguido de um concreto. Lajota, concreto, cimento e argamassa. Para não entrar mais, não fazer sofrer mais. Todavia, por estarmos aqui neste mundo, sermos matéria também, não há maneira de sair inerte. Ainda que se queira e já esteja produzindo essa inércia com o uso estonteante de psicotrópicos e outras maneiras de ser sem sentir, acredita-se que uma existência assim também não é inerte.

Como passar por essas vias driblando e jogando com esses dramas sentidos? Uma língua gagueja ao se contar. O silêncio procurando palavras se faz ouvir. Ouvir o silêncio. Sua vida e história nos dão pistas de como bailar nessas condições.

Para subir no coqueiro, inventa tripé.

Quando para aprender a nadar, perde o medo da morte. E pula.

Se diante de conquista afetiva, cria uma canção.

Mas em nenhum destes casos o que viria depois já estava dado. Aprendo que o embate é importante. É necessário, para desalinhar, provocar e pedir uma nova configuração. E para ser feita, conclamo um ser, que existe em nós, prestes a aflorar, com entusiasmo, e pulso forte, armado para o embate.

Há espaço para isso? Geralmente queremos um ser forte, que tenha aptidão para dominar, que trabalhe, e não desista nunca. Todavia, somos ondas, que vai e volta, respeitemos esse fato e esse tempo.

ENTRE PALAVRAS E AÇAÍ

Este capítulo dá conta de discorrer sobre o que foi o último encontro após ter sido escrita a dissertação e às vésperas de sua defesa.

Após muitas ondas e muito tempo, embora Billy e eu conversássemos por meio da *internet* esporadicamente, não era possível sentir-se à vontade e apresentar a dissertação, sem que ele estivesse de algum jeito presente no processo em que se daria a avaliação do estudo. Era preciso um encontro, para sentir o que foi este caminho de pesquisar para Billy e para nós. Afinal, trata-se de um processo coletivo, uma construção conosco. Assim, atravessamos o bairro dele, subimos morros em conversas aleatórias e fomos tomar açaí. Apresentei, na açaiteria, a dissertação à Billy, que ficou folheando com todo o cuidado para não sujar de açaí as páginas deste trabalho. Entre cuidados, ao passar de uma folha e outra, uma lhe chamou atenção, parou nesta - a da composição sobre o infinito e da vida que se propaga – e colocou-se a indagar como que eu havia feito. E, então, se pôs a ler. Impostou a voz, leu à maneira de um locutor de rádio. E disse que estava gostando do que lia. Leu mais uma vez, mas antes de terminar, “posso ir modificando?”, disse ele, e moto continuum, assim procedeu. Em cada linha, foi lendo, acrescentando o que lhe vinha à mente, mudava outras; dá até pra fazer uma música, disse ele.

Ao perguntar o que foi que ele sentiu durante a pesquisa, referiu que quando se tratava do acidente propriamente dito, às vezes, era desconfortável, pois há coisas que demoram a entrar no esquecimento. Gostava mesmo era quando o assunto ia se voltando pra outras memórias, poder lembrar das histórias da vida dele, gostava das lembranças, gostava de lembrar das “doideiras” que já tinha feito. Disse que a pesquisa o tocou, que tem muitas coisas que não fala mais a ninguém, mas conosco foi muito generoso. Nos mostrou as músicas também. Falou, ainda, que cada lembrança tem uma história dentro, histórias não contadas, que o fazem feliz em horas tristes.

Este breve relato do último encontro é cheio de sensações que passam leveza de, no ato de pesquisar, dar margem para despontar isso que dá alegria, e fazer girar outro caminho quando não há tanta inclinação ou entusiasmo para determinado assunto, que o deixaria triste, por exemplo.

Poder ser costureiro de história, remendador de lembranças e partícipe da construção de um escrito libertário, um Texto que se desprende, uma aposta no que aumenta a potência da própria vida.

Este foi o afetamento do Billy com a dissertação pronta –fruto de acontecimentos que se deram ao acaso.

O BIOGRAFEMA/BILLYGRAFEMA, A ACADEMIA E O CAMPO DA SAÚDE COLETIVA

Ao realizar esta dissertação, fazendo uso do biografema, foi possível vivenciar e dar visibilidade sobre uma maneira marginal de fazer pesquisa, bem como suas implicações para o campo acadêmico e o campo da saúde coletiva.

É sabido que há modos enquadrados de fazer pesquisa, no entanto, ao já colocar no lugar onde se pressupõe que a pesquisa deve estar categorizada, joga-se por terra aquilo que freme, o que está entre, o que não cabe em pressuposições, mas que é fruto de uma vida que abala, que é imanente.

Uma vida - a imanência -, está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos (DELEUZE, 2002).

Ao enquadrar em questionários já articulados ou em resultados esperados, descarta-se sem se dar a descobrir esse jeito de pesquisar que emana ao se dispor e cria novo corpo, nova configuração com o espaço, corpos envolvidos, implicados. Um corpo que participa e é chamado a intervir ancorado ética e politicamente, se deparando com uma nova estética do pesquisar. Compartilhado. Quando se trabalha na imanência, há espaço para que desponte singularidades. Há vida entre os números e gráficos.

Deleuze (2002) diz que a vida do indivíduo dá lugar a uma vida impessoal, massingular, que despreende um puro acontecimento, liberado dos acidentes da vida interior e da vida exterior. É puro devir.

Quando nos deparamos com uma vida, somos afetados e nos afetamos. É insustentável apoiado na neutralidade acadêmica dar segmento ao conhecimento que se seguiu com o andamento deste processo de pesquisar. Assim, para que se conte deste acontecimento e aprendizado que pede mais movimento do que palavras, há no biografemar um modo aliado que suscita mais vida. Pois, ao dar vistas a essa vida, com palavras e com a forma que afeta nas novas relações com a

cidade, há produção. Produção desejante que passa por todo esse processo. Descobre-se um corpo com infinitos canais de acoplamento. O aprendizado que está muito mais ligado com a vida do que com categorizações.

Como pode ser o fazer/pensar/agir em saúde e dar visibilidade aos fenômenos, através de publicações, marcadas pela molaridade? Não há espaço para a molecularidade, ou quem sabe uma molemolaridade? Trata-se de uma querela há muito superada, uma vez que a visão de mundo do autor e o objeto em estudo devem ser considerados ao se pensar que abordagem adotar em cada estudo.

Guattari (2005, p. 21) diz ser “eticamente insustentável se abrigar atrás de uma neutralidade transferencial pretensamente fundada sobre um controle do inconsciente e um corpus científico”. Para que se abrigar atrás dessa neutralidade? Não nos interessamos em produzir mais do mesmo. Interessa-nos mais por aquilo que incite mais vida, prazer, alegria em todo o processo, tanto de escrita no campo acadêmico, quanto na clínica.

Ao contar sobre a vida por esse olhar menor, valorizamos o que é imperceptível. Conclama-se, assim, um corpo aberto, que sensível aos ínfimos abalos seja coerente com o cuidado. O cuidado que não sai de alguém e passa para o outro. Mas se constrói em uma relação ética.

O biografema é uma janela aberta à molecularidade, um convite a estar diante de uma nova matéria de expressão, de apreensão e de contato, não encontrada apenas em exames e análise duras, mas está no entre da relação profissional-usuário, quase imperceptível. Em que até essa classificação de profissional-usuário dilui, pois a matéria do cuidado, que este método vem dar pistas, é construída na relação, sem níveis, hierarquias, protocolos ou manuais a serem seguidos. Trata-se de acionar a criação. Aumentando a potência inventiva de cada encontro. Se deixar trabalhar na imanência.

Por fim, no campo da saúde coletiva, os estudos biografemáticos, cujo escopo está posto na linguística, ainda são inéditos e também incipientes em outras áreas, tais como psicologia.

E A VIDA CONTINUA

Tendo em vista toda a construção desta dissertação - a forma como se deu, contando a partir do primeiro encontro, bem como o decorrer das conversas, a aposta foi pela valorização do que é imanente.

Neste espaço de construção e de contato com a vida que é evocada ao narrar, abriu-se espaço para reviver, perceber o lugar em que se encontra e como está desenrolando esta vida, com escuta às sensações. E ao achar palavras para dar corpo a esta dissertação, vivenciou-se que a costura, um trabalho manual, que dispense tempo e disposição para, se depara com a criação e invenção, tanto em matéria, no caso da escrita e os tons da voz, como nos olhares que despontam no mundo em que se insere, configurando a inquietude e re-arranjo do ser no mundo – um movimento incessante.

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, como o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época (GUATTARI, 2005).

Um jeito de falar menor. Um jeito de tratar saúde que é menor. Marginal. E de olhar para os acontecimentos sob outro ângulo, uma lente diferente. Os acidentes acontecem, deixam marcas, deixam números, e traz uma maneira de viver singular. Mas não se trata somente dos acidentados, se trata da dona de casa, do *office-boy*, carteiro, malabarista, fisioterapeuta, farmacêutico, andarilho, entre outro. Trata-se de todas as vidas, que tem em si esse “quê” que dá potência, um andar, que é próprio da vida que ele tem arranjado. Que não cabe em protocolos, manuais, e instituições. Pois, a vida vaza, rui, e abala. Mesmo sendo ínfimos abalos. Proponho que olhemos para a vida e valorizemos seu ínfimo. Valorizemos sem a intenção de dar destaque e capturá-lo por alguma instância. Mas para que continue e tenha mais força.

Tudo isso se trata de saúde e de vida. Mas para deixar mais sabido, quanto ao campo da saúde, propriamente dito, o que se quer deixar com esta dissertação e

essas histórias, é que é impossível lidar com vidas e buscar um mundo melhor com o trabalho em saúde onde o que mais importa submeter o indivíduo a procedimentos de alta tecnologia, com o cuidado centrado na doença e à medicalização da vida, do que achar na relação que se dá no cuidado sensível uma saída para mais produção de vida. Assim, em todas essas vidas, em todas essas histórias, propomos que se queira as trocas e o contato que passa e marca, tanto em instituições de saúde, como nas ruas, estradas. Sugerindo permissividade que desponta em possibilidades, de um novo porvir tendo na ação a ética como premissa.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. **O gato malhado e a andorinha sinhá**: uma história de amor. 8ed: Rio de Janeiro: Record., 1982.

ANDRADE, L. Z. **O vermelho da vida na escrita de Hilda Hilst**. [TESE DOUTORADO]. Belo Horizonte, 2011.

Andrade, C. D. **Alguma poesia**. Ed. Pindorama, Graña Drummond, 1930..

ANGOTTIKOSSOVITCH, E. Biografema de Mário de Andrade - do plural. **Trans/Form/Ação** , São Paulo 9/10:57- 85, 1987.

ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARCHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. 6ª Ed: Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2012.

BAREMBLITT, G. **Introdução à esquizoanálise**. Belo Horizonte: Biblioteca da Fundação Gregório Barenblit/Instituto Félix Guattari, 2010.

BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BARROS, M. de. **O livro das ignorâncias**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BASTOS, Y.G.L.; ANDRADE, S.M.; SOARES, D. A. Características dos acidentes de trânsito e das vítimas atendidas em serviço pré-hospitalar em cidade do Sul do Brasil, 1997/2000. **CadSaúde Pública**. 2005; 21(3): 815-22.

BOCCA, F. V. Roland Barthes: um semiólogo nômade. **Revista de Filosofia, Curitiba**, v. 15 n.17, p. 11-27, jul./dez. 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Vigilância de Violências e Acidentes em Serviços Sentinelas - VIVA** [Internet]. Brasília; 2006 [citado 2013 jan. 02]. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/lancamento_viva.pdf Acesso em: 02 de dez. 2012.

CAMPOS JUNIOR, C. T. **Reestruturação produtiva na região metropolitana da grande Vitória: manifestações socioespaciais em Cariacica** Revista Geografares, nº13, p.284-311, Dezembro, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. Introdução ao método biografemático. In: FONSECA, Tania Mara Galli & BEDIN, Luciano (Orgs.). **Vidas do fora**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2010.

COSTA, L. B. **Biografema como estratégia biográfica**: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller. [TESE DOUTORADO]. Porto Alegre, 2010.

COSTA, L. B. **Estratégias biográficas** -Biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche, Henry Miller Porto Alegre: Ed. Sulina, 2011.

COSTA, F. T. MOEHLECKE, V. GALLI FONSECA, T. M. O Desejo de mundo: um olhar sobre a clínica. In: GALLI FONSECA, T. M. **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

DELEUZE, G. A imanência: uma vida. Rio de Janeiro, v.9, n.1 e 2, P.39-43, **Ethica**, 2002.

DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza** (Vincennes, 1978 – 1981). Fortaleza: EdUECE, 2009.

DELEUZE, G. **A ilha deserta**: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** . São Paulo: Editora 34. 1995, v.1. a.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** . São Paulo: Editora 34. 1995, v.2. b.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** . São Paulo: Editora 34. 1995, v.3. c.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edição Graal, 1988.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: **Ditos e escritos/IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.

GIACOMEL, A. E.; RÉGIS, V. M.; GALLI FONSECA T. M. Que tal um banho de mar...para ativar a potencia politica no corpo! In: GALLI FONSECA, T. M. **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

GUATTARI, 1992. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HARTMANN, S.; GALLI FONSECA, T. M. Escrever uma vida: biografia e acontecimento. **Aletheia**, núm. 33, setembro-dezembro, 2010, pp. 84-94

IBGE. **Cidades** - Espírito Santo, Cariacica, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em 20 de jan. 2013.

IBGE. **Espírito Santo, Cariacica:** histórico. 20?? Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320130#>> Acesso em 20 de jan. 2013.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa – intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LIBERMAN, Flavia. **Delicadas coreografias:** instantâneos de uma terapia ocupacional. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

LISPECTOR, C. **Água Viva.** 5º ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LOURAU, R. **Análise institucional e prática de pesquisa.** Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

MARCONI, E.M.; LAKATOS, E.V. **Fundamentos de metodologia científica.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARSILLAC, A. L. M. O Corpo-doente – Um Analisador? In: GALLI FONSECA, T. M. **Corpo, Arte e Clínica.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ODM. Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. **Relatórios Dinâmicos:** Indicadores municipais- Cariacica. 201?. Disponível em: <<http://www.portalodm.com.br/relatorios/es/cariacica>> Acesso em: 15 de fev. 2013.

OLIVEIRA, N. L. B. ; SOUSA, R. M. C. Retorno à atividade produtiva de motociclistas vítimas de acidentes de trânsito. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 19, n. 3, Sept. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002006000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 5 de jan. 2013.

Oliveira NLB, Sousa RMC. Motociclistas frente às demais vítimas de acidentes de trânsito no município de Maringá. **Acta sci Health sci.** 2004.

OLIVEIRA FILHO, A. G. **Estudo geomorfológico do município de cariatica** – es com uso de sistemas de informações geográficas. [MONOGRAFIA]. VITÓRIA, 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 19 ed. Petrópolis:Vozes, 1987.

PEREIRA, P. P. G.. **Modelos de atenção e as diversidades no modo de cuidar.** 2013In: Simpósio Nacional de Gestão e Práticas em Saúde: da Política à Ação. Vitória, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CARIACICA. **Cariacica em dados:** indicadores socioeconômicos, políticas públicas, gestão. Ed. 1, 2011.

RAUTER, C. A Memória Como Campo Intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust. In: GALLI FONSECA, T. M.; FRANCISCO, D. J. **Formas de ser e habitar a contemporaneidade.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

SANT'ANNA, D. B. Vertigens do Corpo e da Clínica. In: GALLI FONSECA, T. M. **Corpo, Arte e Clínica.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da pesquisa.** 2 ed. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2009

APÊNDICES

APÊNCICE I

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE FOTOGRAFIAS

Eu, _____, solteiro(a) () Casado(a) (),
 profissão: _____, residente na rua
 _____, nº _____, Bairro _____, complemento
 _____, cidade _____, Estado _____,
 portador da Cédula de Identidade (RG) nº _____, inscrito no CPF nº
 _____, **AUTORIZO** o uso de minha imagem em todo e qualquer
 material como fotos, documentos e outros meios de comunicação para fins de
 divulgação na dissertação de mestrado intitulada “RECRIANDO MODOS DE VIVER:
 BIOGRAFEMAS DE VÍTIMAS DE ACIDENTES MOTOCICLÍSTICOS EM
 CARIACICA - ES”, realizada pela mestrando Mariana Andrade dos Santos, sob
 orientação do professor Drº Túlio Alberto Martins de Figueiredo, no Programa de
 Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo.

Como esta pesquisa se trata da produção de biografemas e este é uma livre
 produção textual no intuito de resignar, recriar modos de existir e de contar uma
 vida, o uso das fotografias é justificável, pois é uma maneira de fazer evocar outros
 sentidos do acontecimento em questão – os acidentes motociclistas.

Após a leitura do termo, eu concordo que as minhas imagens sejam usadas para o propósito
 acima descrito.

Eu entendo que sou livre de aceitar ou recusar a divulgação das minhas imagens.

Eu entendi a informação apresentada neste termo de autorização. Eu tive oportunidade para
 fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas.

Eu recebi uma cópia assinada e datada deste documento de autorização.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto
 minha autorização para divulgação das minhas imagens nesta pesquisa.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador

Assinatura do orientador

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar da pesquisa abaixo discriminada, nos seguintes termos:

Titulo da pesquisa: RECRIANDO MODOS DE VIVER: BIOGRAFEMAS DE VÍTIMAS DE ACIDENTES MOTOCICLÍSTICOS EM CARIACICA - ES

Pesquisador: Mariana Andrade dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Tulio Alberto Martins de Figueiredo

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo / Centro de Ciências da Saúde / Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva

Local de Pesquisa: A pesquisa será realizada no Município de Cariacica / Espírito Santo

Objetivos da pesquisa:

Produzir biografemas de motociclistas e seus passageiros acidentados, impossibilitados de viverem suas rotinas.

O biografema é uma livre-produção textual que não deriva de significado, mas enfatizando imagens, cenas, gestos, fragmentos textuais, opera significâncias, novos arranjos, novas formulações, ou seja, é potencial criador de novas realidades.

Sujeitos da pesquisa: motociclistas e seus passageiros acidentados que se envolveram em acidentes de trânsito com a motocicleta.

Instrumentos e coleta de material: entrevista, observação, diário de campo e produções pictográficas. Para a apreensão do que pode ser proporcionado no encontro e toda a vivência, é que se produza algo, além de falas e percursos, como desenho, poema, música, fotografias com o seguinte intuito: se expressar de maneira livre, com palavras ou não.

As entrevistas serão gravadas, produções gráficas serão reprografadas e produções plásticas fotografadas. Após transcrição das entrevistas, proceder-se-á a leitura flutuante das mesmas concomitante a escuta, buscando na produção do biografema criar sentidos relacionado ao discurso do sujeito e os demais materiais produzidos.

Benefícios do estudo:

Os resultados desta pesquisa, que tem como escopo os processos de produção biografemática, tida como uma escrita em que há a busca da concepção criativa de vida, poderá oferecer um sentido à vida escrita no papel. Mais do que uma história encerrada, mas um possível vir a ser, que se atualiza quando posta em contato com o leitor. Ou seja, novas formas para dizer novas vidas que, em seus próprios modos de se fazerem, questionam toda significação já dada, todo rebatimento em esquemas estabelecidos.

INFORMAÇÃO AO ENTREVISTADO SOBRE O TERMO DE CONSENTIMENTO

O (a) Sr (a) esta sendo convidado para participar de uma pesquisa, coordenada por um profissional de saúde agora denominado pesquisador.

Para participar, e necessário que você leia este documento com atenção.

Qualquer dúvida solicite ao pesquisador os esclarecimentos necessários.

O propósito deste documento e revelar a você as informações sobre a pesquisa e, se assinado, dará a sua permissão para participar do estudo.

Sua participação na pesquisa e voluntaria, ou seja, você só deve participar do estudo se quiser. Você pode se recusar a participar ou se retirar deste estudo a qualquer momento.

O pesquisador coletara informações que serão mantidas de forma confidencial, sua identidade não será revelada em nenhuma circunstancia. Os dados coletados poderão ser utilizados em publicações científicas sobre o assunto.

O sujeito não terá custos para participar da pesquisa e nem receberá para tal.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Após a leitura do termo e a explicação de todos os itens pelo pesquisador, eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendo que sou livre de aceitar ou recusar, e que eu posso interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento.

Eu entendi a informação apresentada neste termo de consentimento. Eu tive oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas.

Eu recebi uma cópia assinada e datada deste documento de Consentimento.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador

Assinatura do orientador

Telefones para contato:

Professor Tulio Alberto Martins de Figueiredo: (27) 8155-2489

Mariana Andrade dos Santos: (27) 99375434

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde UFES: (27) 33357211

ANEXO I

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RECRIANDO MODOS DE VIVER: BIOGRAFEMAS DE VÍTIMAS DE ACIDENTES MOTOCICLÍSTICOS EM CARIACICA - ES

Pesquisador: Mariana Andrade dos Santos

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 13078313.5.0000.5060

Instituição Proponente: Centro de Ciências da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 376.019

Data da Relatoria: 28/08/2013

Apresentação do Projeto:

- Trata-se de pesquisa com abordagem qualitativa;
- Os sujeitos deste estudo, em número de dez, serão os motociclistas - piloto e acompanhante, quando for o caso, que nos últimos dois anos se acidentaram;
- Critérios de inclusão: moradores do município de Cariacica/ES; e vítimas com sequelas que os impossibilitam, mesmo temporariamente, de exercer suas atividades profissionais;
- Os instrumentos de produção de dados utilizados serão: a observação, o diário de campo e entrevistas gravadas e transcritas. Outros instrumentos também poderão ser utilizados tais como: desenhos, poemas ou músicas, caso seja da preferência dos sujeitos da pesquisa;
- A análise dos dados se dará à luz dos pressupostos esquizoanalistas e biografemáticos, que possibilitarão revelar de que forma os sujeitos do estudo recriam as suas vidas face à impossibilidade, mesmo que temporária, de conduzirem suas rotinas.

Objetivo da Pesquisa:

Produzir biografemas de motociclistas e seus passageiros acidentados, impossibilitados, temporariamente ou não, de viverem suas rotinas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: os pesquisadores não prevêem risco para a pesquisa.

Endereço: Av. Marechal Campos 1488

Bairro: S/N

CEP: 29.040-091

UF: ES

Município: VITORIA

Telefone: (27)3335-7211

E-mail: cep.ufes@hotmail.com ; cep@ccs.ufes.br

Continuação do Parecer: 376.019

Benefícios: de acordo com os pesquisadores os resultados da pesquisa, que tem como escopo os processos de produção biografemática, tida como uma escrita em que há a busca da concepção criativa de vida, poderá oferecer um sentido à vida escrita no papel.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem delineada e, no geral, encontra-se de acordo com a Resolução 196/96.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- O TCLE está adequado.
- Apresenta Termo de autorização para utilização de fotografias.

Recomendações:

Vide campo a seguir.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há inadequações ou pendências. Apenas sugiro que, no TCLE, o conceito de Biografema fique ainda mais claro para os sujeitos.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

VITORIA, 28 de Agosto de 2013

Assinador por:
DANIELLE CABRINI MATTOS
(Coordenador)

Endereço: Av. Marechal Campos 1468
Bairro: S/N
UF: ES Município: VITORIA
Telefone: (27)3335-7211

CEP: 29.040-091

E-mail: cep.ufes@hotmail.com ; cep@ccs.ufes.br